

Universidade Católica de Goiás
Mestrado em Psicologia

**O Comportamento Paterno em Enfermaria
de Maternidade nas Primeiras Horas
de Vida do Bebê**

Marcella Haick Mallard

Goiânia
2004

Universidade Católica de Goiás
Mestrado em Psicologia

**O Comportamento Paterno em Enfermaria
de Maternidade nas Primeiras Horas
de Vida do Bebê**

Marcella Haick Mallard

Dissertação apresentada ao Mestrado em
Psicologia da Universidade Católica de
Goiás em cumprimento parcial das
exigências para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia, na área de Etologia.
Orientador: Dwain Phillip Santee, Ph.D

Goiânia
2004

Universidade Católica de Goiás
Mestrado em Psicologia

COORDENADOR DO MESTRADO:
PROF. DR. PEDRO HUMBERTO FARIA CAMPOS

ORIENTADOR:
PROF. DWAIN PHILLIP SANTEE, PH.D

Agradecimentos

Minha gratidão ao meu orientador, **Prof. Dr. Dwain Phillip Santee**, por me ajudar a trilhar o desconhecido caminho da pesquisa acadêmica. Ser guiada com conhecimento e sensatez rumo à nova e fascinante Etologia foi um grande e valioso presente. Sua disponibilidade e paciência me motivaram a desafiar os contratempos que ora se apresentaram e me permitiram concluir este trabalho. Obrigada pelo seu compromisso.

Agradeço à **Prof. Dra. Delza M^a da Silva F. Araújo**, pela presença constante em todos os momentos de minha formação profissional e por ter me introduzido ao irresistível e encantador universo do psiquismo dos bebês.

Ao **Prof. Dr. Francisco Dyonísio C. Mendes**, pelas instigantes aulas, pelas preciosas indicações bibliográficas e por ter possibilitado meu contato com Prof. Dr. César Ades.

Ao **Prof. Dr. César Ades**, que me ensinou à distância, que a vida acadêmica responsável pode ser livre e criativa.

Aos alunos voluntários do curso de graduação em psicologia da UCG, **Júnior Souza Alves, Karina Mesquita de Carvalho e Gláucia Barbosa de Oliveira**, que apesar da sobrecarga de atividades acadêmicas colaboraram exaustivamente na análise das filmagens.

Aos **funcionários do Mestrado em Psicologia**, que demonstraram boa vontade e competência no seu exercício profissional.

Aos **funcionários da Maternidade** onde foi realizada a pesquisa, meu agradecimento pela acolhida.

Aos **pais, mães e bebês** que permitiram a realização desta pesquisa. Meu respeito e gratidão.

À minha mãe, meu pai e meus irmãos, pelo apoio durante todo o processo de realização deste, e por fazerem parte da minha vida.

Ao meu marido, exemplo de pai e grande inspirador deste trabalho. Obrigada por cumprir com tanta competência o seu papel. **Ao meu filho**, pela paciência e tranquilidade diante de minhas ausências, que possibilitaram transformar nossos encontros em momentos de alegria e amor. **Ao filho que vai chegar**, por representar sempre a esperança de um mundo melhor. A vocês, o meu amor.

Sumário

<u>Resumo</u>	viii
<u>Abstract</u>	ix
<u>I – Introdução</u>	1
<u>1.1 O Cuidado Parental</u>	2
<u>1.1.1 Cuidado paterno em primatas</u>	4
<u>1.1.2 Cuidado paterno e sistemas de acasalamento</u>	6
<u>1.1.3 Cuidado paterno em humanos</u>	9
<u>1.1.4 A Teoria do Apego</u>	13
<u>1.2 O bebê e sua percepção do meio: possibilidades de interação com o pai</u>	16
<u>1.3 Paternidade: uma construção social</u>	19
<u>1.3.1 A paternidade e a lei</u>	23
<u>1.4 A paternidade sob a ótica da psicanálise</u>	24
<u>1.4.1 Pai: uma função simbólica</u>	26
<u>1.4.2 O pai do (a)feto</u>	27
<u>II – Método</u>	31
<u>2.1 Local</u>	31
<u>2.2 Sujeitos</u>	31
<u>2.3 Material</u>	31
<u>2.4 Procedimentos de coleta de dados</u>	32
<u>2.5 Procedimentos de análise</u>	34
<u>2.5.1 Método de registro</u>	34
<u>2.5.2 Identificação de tríades para análise</u>	34
<u>2.5.2.1 Categoria de tríades</u>	36
<u>2.5.3 Construção de categorias descritivas do comportamento</u>	37
<u>2.5.3.1 Categorias descritivas do comportamento da mãe</u>	37
<u>2.5.3.2 Categorias descritivas do comportamento do pai</u>	38
<u>2.5.3.3 Categorias descritivas do comportamento da visita</u>	39
<u>2.5.4 Construção de categorias descritivas dos estados dos sujeitos</u>	40
<u>III – Resultados</u>	42
<u>3.1 A distância</u>	42
<u>3.2 A posição do bebê e da mãe</u>	44
<u>3.2.1 Bebê no colo da mãe (CLM)</u>	44
<u>3.2.2 Bebê no colo do sujeito (CLS)</u>	45
<u>3.2.3 Bebê mamando (MAM)</u>	45
<u>3.2.4 Posição da mãe</u>	46
<u>3.3 Comportamentos do pai e da visita</u>	46
<u>3.3.1 Olhar</u>	46
<u>3.3.2 Toçar</u>	49
<u>3.3.3 Manusear objetos ao redor (ME)</u>	50
<u>3.3.4 Puericultura (PU)</u>	50
<u>3.3.5 Vocalizar</u>	50
<u>3.4 Comportamentos da Mãe</u>	51
<u>3.4.1 Olhar</u>	51

3.4.2 <u>Tocar</u>	53
3.4.3 <u>Manusear objetos (MEm)</u>	53
3.4.4 <u>Puericultura (PUm)</u>	54
3.4.5 <u>Vocalizar</u>	54
3.4.6 <u>Comportamento autodirigido (CAU)</u>	54
<u>IV – Discussão</u>	56
4.1 <u>A distância</u>	57
4.2 <u>A posição do bebê e da mãe</u>	58
4.3 <u>Comportamentos do pai e da visita</u>	60
4.3.1 <u>Olhar</u>	60
4.3.2 <u>Tocar</u>	63
4.3.3 <u>Manusear objetos ao redor</u>	64
4.3.4 <u>Puericultura</u>	65
4.4 <u>Comportamentos da mãe</u>	66
4.4.1 <u>Olhar</u>	66
4.4.2 <u>Tocar</u>	67
4.4.3 <u>Comportamentos autodirigidos</u>	67
<u>V – Discussão Geral</u>	69
<u>Referências Bibliográficas</u>	73
<u>APÊNDICE</u>	80

Lista de Tabelas e Figuras

<u>Tabela 1.</u> Quantidade e categorias de Tríades Visita	42
<u>Tabela 2.</u> Quantidade e categorias de Tríades Pai	42
<u>Figura 1.</u> Distância das visitas em relação à mãe, medidas pela média de registros por triade.	43
<u>Figura 2.</u> Distância do pai em relação à mãe medida pela média de registros por triade.	43
<u>Figura 3.</u> Posições da mãe e do bebê nas tríades pai medidas pela média de registros	44
<u>Figura 4.</u> Posições da mãe e do bebê nas tríades visita medidas pela média de registros	45
<u>Figura 5.</u> Comportamento dos pais medido pela média de registros por tríades.....	47
<u>Figura 6.</u> Comportamento das visitas medido pela média de registros por tríades	47
<u>Figura 7.</u> Comportamento das mães nas tríades pai medido pela média de registros por tríades.....	52
<u>Figura 8.</u> Comportamento das mães nas tríades visita medido pela média de registros por tríades.....	52

Resumo

Através de observação filmada, realizada na enfermaria de uma maternidade pública no horário de visitas, este estudo procurou verificar se o comportamento interativo paterno se difere do de outros visitantes, seguindo algum padrão peculiar que caracterize o exercício de sua função. Os resultados sugerem que a participação paterna de fato se difere da dos outros visitantes e, nesse período precoce em contexto hospitalar, está mais associada a uma interação de proteção física à díade mãe-bebê. Embora a presença paterna seja marcada por poucas vocalizações e contato físico raro, ela promoveu uma maior incidência de momentos de amamentação. O comportamento de olhar destacou-se dentre todos os outros comportamentos paternos, sugerindo que esse canal de comunicação é uma das formas de interação mais utilizadas pelo pai em direção ao bebê, o que poderá ser melhor analisado e confirmado em estudos mais específicos. A formação de uma rede de apoio social que permita ao pai uma aproximação do recém-nascido pode facilitar a formação de um vínculo de apego. Conclusões mais seguras sobre a participação paterna no pós-parto podem ser derivadas de estudos que contemplem um acompanhamento longitudinal da interação pai-bebê em situação pós-maternidade, já que o contexto em que a pesquisa foi realizada é tipicamente feminino.

Abstract

In this study the behavior of fathers was filmed during their visit to the infirmary of a public health system maternity. The interest was on their interaction with the mother, the infant and other visitor. The observations suggest that the behavior of fathers differs from that of other visitors and that their behavior appears to be more of physical protection of the infant and the mother. Though fathers vocalized little and had few physical contacts with the infants, their presence appears to facilitate the occurrence of nursing. Looking at the infant was the predominant behavior exhibited by the fathers, which might be the communication channel that leads to the increase disposition of nursing on the part of the mothers and this should be further studied. The social network that allows the father to approach the infant early in life might be an important requisite for the establishment of father-infant and mother-infant attachment. The importance and function of this early interaction between the father and the mother-infant dyad warrants long terms studies, including various settings since the maternity infirmary conditions is artificial and greatly characterized as a female domain. Important leads were obtained from the dataset analyzed.

I – Introdução

O interesse pelo tema da paternidade se dá a partir de um quadro intrigante no meio científico, que revela pouca curiosidade em relação ao assunto se comparado ao da maternidade. Embora alguns pesquisadores do desenvolvimento infantil e das relações de apego, como John Bowlby, René A. Spitz, T. Berry Brazelton, tenham priorizado o foco de seus estudos quase que exclusivamente sobre a relação mãe-filho, sabe-se que há uma igual importância do envolvimento paterno, embora ele guarde suas particularidades. Afinal, quanto mais seguro é o apego da criança a um adulto responsivo, mais fácil parece ser, para ela, tornar-se mais confiante e independente do mesmo (Papalia & Olds, 2000).

Segundo Eyer (1992), a redução das pesquisas sobre o vínculo mãe-bebê se justifica porque se parte da equivocada noção popular de que a mãe se comporta não pela sua capacidade racional, mas sim por um instinto maternal biologicamente herdado, idéia que, segundo a autora, acaba aprisionando-a ao papel de mãe e negligencia todos os outros aspectos de sua identidade, convalidando a menor participação paterna no envolvimento emocional com seu filho. Simultaneamente, por outro lado, há uma prevalência, na identidade masculina, de um papel paterno derivado das funções biológicas de provisão de recursos para a sobrevivência e proteção da prole (Korin 2001), papel esse que acaba por eximi-lo da função de suporte afetivo. Esses postulados acabam por restringir novas possibilidades de reflexão.

Se o conhecimento que se tem sobre a paternidade no desenvolvimento infantil é raro, especificamente nas etapas mais precoces desse desenvolvimento, o estudo da relação pai-bebê é ainda mais escasso. Referenciado por uma perspectiva evolucionista, este trabalho procura investigar se os comportamentos paternos

presentes nos primeiros contatos com o filho recém-nascido seguem ou não algum padrão específico, contextualizando-os num panorama social contemporâneo, sem deixar de considerar seus aspectos psico-afetivos. Diante de uma carência de trabalhos que contemplem fatores ecológicos no estudo do comportamento (Lewis & Dessen, 1999), optou-se pela aplicação do método de observação naturalística para uma mais acurada apreensão do caráter interativo do comportamento paterno.

Teoricamente, a paternidade será abordada primeiro pela ótica da etologia, que, valendo-se de observações naturalísticas com primatas e posteriormente com humanos, forneceu importante material científico sobre o tema da parentalidade e paternidade, dando origem à teoria do apego. A título de complementação, far-se-á uma breve apresentação das capacidades sensoriais do bebê, demonstrando sua possibilidade de vinculação com outros elementos da família além da mãe, como o pai, já que seus recursos perceptivos ao nascer o habilitam para tal. Posteriormente, procurar-se-á elucidar o cenário em que os papéis sociais são construídos, tendo como resultante a identidade paterna. Por fim, serão apresentadas idéias advindas da psicanálise e psicologia que, atendendo aos aspectos subjetivos do psiquismo humano, auxiliam na compreensão da paternidade como função simbólica.

1.1 O Cuidado Parental

Os trabalhos derivados da etologia partem de observações naturalísticas do comportamento animal e visam uma compreensão desse comportamento a partir do contexto ecológico em que ele ocorre. Considera-se que as características físicas e psicológicas da espécie são resultantes da seleção natural e são moldadas para a adaptação do indivíduo ao meio (Frioli 1997). Os comportamentos apresentados no cuidado parental refletem as várias possibilidades de adaptação aos desafios do meio ambiente.

O cuidado parental entre os animais é extremamente variável, existindo ou não dependendo da espécie, e pode ser feito pelo macho e/ou pela fêmea. Pode ser definido como qualquer comportamento do progenitor que aumente a sobrevivência e capacidade de reprodução de um filhote às custas da habilidade dos pais em investir em outros filhotes (Costa & Cromberg 1998; Trivers 1972). Esse tipo de cuidado é feito de forma a maximizar o êxito reprodutivo dos pais.

Dentre os comportamentos associados ao cuidado parental podemos citar:

- Preparação de locais apropriados para a postura;
- Produção de gametas com reservas nutritivas;
- Cuidado aos ovos, que podem ser: colocados em um substrato, carregados na parte externa do corpo ou carregados internamente;
- Cuidados ao infante, como: proteção contra predadores, regulação térmica, alimentação antes e após o nascimento;
- Cuidados aos filhotes jovens e adultos, como: defesa contra coespecíficos, acesso à fonte de alimentos;
- Tudo que beneficie a prole.

Em situações variadas, há indícios de que o cuidado parental cessa quando:

- um filhote da prole tem pouca chance de sobrevivência, mesmo com o cuidado parental – passa-se, então, a cuidar do restante da prole;
- a prole já pode ter sucesso reprodutivo sem o auxílio dos pais;
- não é necessária a presença do pai e da mãe simultaneamente, e um dos pais pode investir em outra prole. A poligamia entre os machos primatas, com a função de aumentar a prole, desencadeia o mínimo de cuidado dos machos em relação aos infantes (Trivers 1972).

É conveniente à fêmea contar com o macho nos cuidados com a prole, garantindo a aptidão da mesma. Assim, sua escolha de parceiros visa selecionar

aquele macho que apresente traços de possuir recursos que garantam: defesa territorial, alimento e cuidado paterno (Ades 1998). A corte permite à fêmea julgar as qualidades de seu pretendentes, escolhendo os de melhores genes, que favoreçam seu próprio sucesso reprodutivo. Como normalmente ela investe mais tempo e energia do que o macho no cuidado aos filhotes, avaliar as habilidades físicas e de fornecimento de alimento do mesmo é importante para garantir a sobrevivência dos filhotes (Goodenough et al.1993).

1.1.1 Cuidado paterno em primatas

Por que o pai se ocuparia diretamente do filhote, se seria mais vantajoso que ele entrasse em novas parcerias reprodutivas? A explicação seria de que o cuidado suplementar do pai aumenta a chance de que o filhote se desenvolva e propague a cota de genes que tem em comum com este (Ades 1998). Além disso, mesmo em mamíferos em que o filhote depende da dieta láctea materna, é vantajoso para a mãe que ela reduza seu gasto energético, contando com a ajuda de outros indivíduos, como o pai, para que possa despender cuidados aos outros elementos da cria (Costa e Cromberg 1998).

Uma outra possível vantagem do macho a cuidar de filhotes é apontada por Boere (1994), a partir de estudos com sagüis. Ele sugere que determinados comportamentos paternos, como carregar o filhote, aumentam a proximidade com a fêmea e conseqüentemente aumentam o acesso aos recursos reprodutivos. Além de rebaixar os níveis de agonismo, isso aumentaria as chances do macho acasalar e padrear a próxima prole. Assim, o cuidado paterno estaria associado não somente ao cuidado com a prole, mas acoplado a um sistema de corte.

A literatura indica dois tipos de comportamento paterno: o substitutivo e o complementar.

O substitutivo ocorre quando o macho comporta-se como as mães, por exemplo: carregando os bebês; levando-lhes a fonte de recursos alimentares (exceto o leite); reassegurando-lhes quando se encontram perdidos. Estudos indicam que, apesar de algumas pesquisas demonstrarem que a presença da mãe reduz os níveis de cortisol no sangue da criança (Meyers et al 1975 in Snowdon & Suomi 1982), em algumas espécies, a presença do macho também promove essa alteração biológica.

Já o comportamento paterno complementar ocorre quando o macho exerce atividades que as fêmeas raramente praticam. Exemplos desse tipo de atividade são: defesa do grupo; defesa da fêmea e infantes contra predadores e coespecíficos hostis; defesa do território, quando impedem a aproximação de macacos intrusos, o que preserva a comida e a água e possibilita abrigar a fêmea e a prole em esconderijo. Em geral, o macho envolvido em atividades de defesa da prole raramente tem contato físico com os filhotes, mas acaba beneficiando-os (Snowdon & Suomi 1982).

A adoção de crias por machos não é rara entre os primatas (Kumer 1962, de Vore 1963, Itani 1959,1961 e Carter 1986 in Soczka 1994). Esta acontece em vários tipos de situação, tanto em cativeiro quanto no ambiente natural do grupo, tanto em situações onde a mãe ou outras fêmeas estejam presentes quanto em situações de ausência da mãe (This 1987).

Em grupos de pequenos macacos sul-americanos, a fêmea proporciona os primeiros cuidados no momento do nascimento, assistida pelo macho. Imediatamente após, ela os entrega ao pai, o qual os carrega daí em diante, cuidando destes constantemente, dia e noite. Se, num bando, um pai encarregado da família é morto, não é a mãe quem recolhe os órfãos, nem uma outra fêmea, mas sim um macho disponível (This 1987). Em alguns casos de adoção, há registros de uma imediata alteração das interações sociais entre os membros do grupo, passando o jovem macho adotante a ser alvo de atenções gerais e da maior parte dos contatos corporais

(que é uma forma de manter e reafirmar os laços sociais) e catações observadas no grupo, comportamentos esses que sinalizam afiliações positivas entre os primatas (Soczka 1994).

Embora a maior parte das pesquisas sobre separação em primatas enfoque as consequências do distanciamento entre a mãe e o bebê, alguns estudos informam que a separação de outros indivíduos próximos ao bebê (como o pai) também pode desencadear reações negativas neste, como protesto e depressão, ou seja, evidenciam a existência de relações de apego também com outros indivíduos além da mãe. Os companheiros da mesma idade da mãe são peças fundamentais na produção de um animal socialmente ajustado, com maior repertório comportamental relativo a brincadeiras, contato, sexo e agressão, se comparados aos filhotes criados somente com as mães (Harlow & Harlow 1962 e Suomi 1982 in Yamamoto 1989). Em função desses dados, vários outros estudos foram sendo desenvolvidos a fim de se criar um modelo de estudo sobre depressão e ansiedade, nos quais constatou-se que, diante da separação dos companheiros, tal qual acontecia com a mãe, nem todos os filhotes eram induzidos à depressão, pois o meio ambiente e social atenuavam respostas depressivas (Bard & Nardler 1983, Snyder et al 1984 e Persolt 1983 in Yamamoto, 1989).

1.1.2 Cuidado paterno e sistemas de acasalamento

Os sistemas sociais estão diretamente associados à forma de cuidado parental. Na sua grande maioria, os mamíferos são poligínicos ou promíscuos. A monogamia surge fundamentalmente associada a condições de cooperação macho-fêmea nos cuidados parentais, e há dados que indicam que em primatas monogâmicos o cuidado paternal é maior – especialmente o comportamento paterno substitutivo, se comparado ao macho polígamo ou aos grupos promíscuos, para os quais a certeza de

parentesco com o filhote é menor (Soczka 1994; Snowdon & Suomi 1982). Nas espécies poliândricas ou promíscuas, o macho pode se comportar de duas formas em relação aos filhotes: ou ele cuida de todos sem distinção, pois um daqueles filhotes pode ser o dele, ou ele cuida dos filhotes da mãe ou das irmãs, já que a certeza de parentesco é de 100% (Snowdon & Suomi 1982).

Segundo Trivers (1972), o maior cuidado paterno entre os grupos monogâmicos se justifica a partir da hipótese de investimento parental, que defende a idéia de que seria mais vantajoso investir em parentes de sangue, pois haveria a garantia da propagação dos genes. Pais e irmãos, que carregam 50% do material genético do filhote, cuidariam mais deste do que avôs ou tios, que tem apenas 25% desse material. Quanto maior a certeza parental, mais investimento se faz e mais cuidado se dá ao filhote. Se o macho está incerto em relação ao parentesco, há evidências de que o cuidado paternal é menor (Trivers 1972).

Alguns exemplos da relação entre investimento paterno e certeza de paternidade ocorrem em algumas espécies de peixes nas quais há cuidado paternal verdadeiro e exclusivo, quando a fertilização ocorre externamente em um sítio desenvolvido e mantido por um macho. O cuidado paternal entre não-mamíferos somente foi encontrado nas espécies cuja fertilização é externa. Nos primatas, a fecundação é interna e as fêmeas carregam o bebê por toda a gestação. Hipoteticamente, isso se dá pelo fato da certeza da maternidade ser total em contraste com a certeza da paternidade (Snowdon & Suomi 1982).

Entretanto, a hipótese de certeza parental, sozinha, não explica todos os casos de cuidado paternal, pois não é universalmente aplicável (Snowdon & Suomi 1982):

a) Em regiões caracteristicamente mais hostis (economicamente pobres ou expostas a vários predadores), a ocorrência da monogamia é maior porque o macho, além de procurar prover recursos à prole, deve cuidar da mãe e da prole. Em um

meio escasso de recursos, essa tarefa seria difícil com uma fêmea a mais. Nesses ambientes, a quantidade de tempo livre que o macho tem para interagir com os outros é menor e ele não priorizará a interação com os filhotes.

b) É mais interessante para o sucesso reprodutivo dos filhotes que haja vários cuidadores; portanto, a ajuda de pais, irmãos e outros ajudantes adultos é economicamente interessante. Além disso, a mãe tem um gasto energético significativo na reprodução e amamentação, o que contempla a idéia de outros elementos adultos ajudando a cuidar da cria. Os ajudantes cuidadores são importantes tanto para a segurança quanto por razões energéticas. Entretanto, entre os gibões, que só parem um filhote por vez e só engravidam após o desmame, o cuidado paterno não aparece até o desmame, pois o gasto energético da mães é menor – assim, o cuidado do pai não é requerido até então.

c) Nas situações onde cuidadores machos não aparentados ajudam no cuidado ao filhote, a vantagem é que, no caso da ausência do macho reprodutor, o território passa a ser de seu domínio, inclusive para sua reprodução.

d) A experiência anterior com filhotes é essencial para o desenvolvimento de competências parentais mais flexíveis e plásticas, tanto para os pais quanto para as mães. Os filhotes também aprendem a cuidar a partir da experiência do adulto (Epple 1978 b in Snowdon e Suomi 1982).

e) Nas espécies cujas mães são mais permissivas, a interação dos filhotes com os pais é maior do que nas espécies cujas mães são mais restritivas (Snowdon & Suomi 1982). O nível de acessibilidade que a organização social disponibilizará para a interação dos filhotes com o macho adulto também ajuda a determinar um maior ou menor cuidado paterno. Quanto maior o acesso ao filhote, maior o cuidado do pai em relação a este (Snowdon & Suomi 1982).

Conclui-se, portanto, que o cuidado paternal nos primatas é, em geral, muito

flexível e se transforma ao longo do desenvolvimento do filhote, diminuindo à medida que esse ganha independência. Esse cuidado não tem como influência principal somente a questão genética ou ambiental. Fatores econômicos e de proteção contra predadores, a natureza do ambiente físico e social e a experiência anterior com filhotes podem ser mais importantes para o cuidado paterno do que apenas a certeza da parentalidade (Snowdon & Suomi 1982). Nas espécies em que existe prontidão para o cuidado paterno, esse normalmente está sujeito à influência modificadora ou moduladora de variáveis ambientais como, por exemplo, as respostas à aparência do filhote; a presença e o tipo de atuação da mãe; as condições de facilidade ou dificuldade de obtenção de alimento; a presença de outros cuidadores; a experiência prévia de contato com filhotes, que aumenta nos machos a motivação e competência paterna (Ades 1998).

1.1.3 Cuidado paterno em humanos

A influência do estudo de macacos em estudos de humanos se justifica por motivos evolutivos pois, na escala filogenética, o homem também está inserido na ordem dos primatas, tendo como parentes mais próximos os chimpanzés e gorilas. Segundo Frioli (1997), a hominização, ou seja, a evolução da família *hominidae*, do ponto de vista psicológico, biológico, sociológico e cultural, culminou no surgimento do *Homo sapiens*. A aquisição da posição ereta conferiu ao homem um valor singular; entretanto, à medida que vamos nos aproximando do *Homo sapiens*, as modificações biológicas se tornam cada vez mais modestas e as aquisições culturais vão se tornando cada vez mais importantes. Assim, a análise do comportamento paterno é feita pela etologia a partir da concepção de que o homem é biologicamente social e cultural (Frioli 1997).

De que forma essa diversidade de cuidado parental surge na espécie humana?

Como o bebê humano nasce prematuro em relação aos padrões dos primatas (segundo vários indicadores de desenvolvimento), o nascimento não indica que o bebê humano esteja preparado para a sobrevivência de forma independente. Ao contrário, ele necessita de um arranjo de cuidados dos adultos para que possa seguir seu curso vital. Mesmo nascendo a termo, a dependência do recém-nascido é grande em nossa espécie. No decorrer da evolução hominida, ao contrário dos demais primatas, houve um incremento dos cuidados parentais, com o aumento dos já intensos cuidados maternos aliado à introdução de cuidados paternos, o que é raro entre os grandes antropóides (Bussab 1998).

Ao longo da evolução humana, o relacionamento entre homem e mulher tornou-se duradouro, com a possível função de prover cuidados prolongados aos filhos. É possível que tenha sido selecionada no homem, além da capacidade de fornecer cuidados indiretos externos (defesa, sustento etc.), uma prontidão a cuidados diretos e a uma interação afetiva profunda com os filhos (Ades 1998).

Entre os humanos, há maior interesse no comportamento paterno substitutivo pois, em nossa linha cultural, o bom cuidado paterno deriva-se do modelo de bom cuidado materno – em geral, o cuidado parental é derivado do cuidado maternal. O macho que somente provê recursos (comportamento paterno complementar) e não ajuda a mãe a trocar o bebê, alimentá-lo e apaziguá-lo é “desaprovado” (Snowdon & Suomi 1982).

Embora haja poucos dados empíricos a respeito do cuidado paternal em humanos (Snowdon & Suomi 1982), alguns paralelos podem ser feitos entre os sistemas de acasalamento e o cuidado paternal. Entre os humanos, o sistema social predominante é o monogâmico, tanto nos grupos de coleta e caça quanto nas sociedades altamente industrializadas; o comportamento paterno prevalecente é o substitutivo. Estudos com grupos humanos ao sul da África mostram que, após a mãe engravidar, ela passa

a ter relação monogâmica com o pai e esse passa a ter cuidados paternos substitutivos em relação ao filho. Nas sociedades de caça e coleta como aquela, a promiscuidade é até incentivada na adolescência, até que se engravide – a partir daí, os pares monogâmicos são formados (Lee 1979 in Snowdon & Suomi 1982).

A certeza de paternidade parece ter mais influência no cuidado paternal humano do que no de outros primatas. Entretanto, casos particulares apontam para a diversidade desse tema, embora estatisticamente sejam uma amostra pequena (Snowdon & Suomi 1982). Christenfeld e Hill (1995 in Brédart & French 1999) concluíram que a semelhança física do bebê com o pai é vantajosa à sobrevivência do bebê por dar ao macho a certeza da paternidade, o que incrementaria o investimento parental. Brédart e French (1999), entretanto, contestam essa vantagem pois, da mesma forma com que o pai teria certeza da paternidade pela semelhança, ele estaria certo de que não era o pai caso o bebê não fosse semelhante, e até poderia vir a matá-lo.

Snowdon e Suomi (1982) relatam que nas sociedades agrícolas nas quais os recursos (campo produtivo) eram mais seguros e distribuídos, havia casos de poligamia. Nas sociedades de caça e coleta, as dificuldades para se manter a prole e a mulher impediam o macho de se envolver com outras mulheres. Da mesma forma, nas sociedades industrializadas o custo da educação, além da provisão de alimentos e outros recursos que garantam o crescimento da prole, impedem que os machos invistam em mais de uma família ao mesmo tempo. Como os estudos associam o sistema de acasalamento ao cuidado paterno, é provável que nas sociedades poligâmicas o cuidado paterno prevalente seja o complementar, quando comparado ao substitutivo.

No início do século XX, famílias ricas raramente se envolviam em cuidado parental, ficando isso a cargo das babás. As mulheres de classe média que não

tinham opções de carreira investiam pesadamente no cuidado dos filhos, não deixando espaço para os pais cuidarem, já que esses trabalhavam. Já nas famílias de classe baixa, cuidava da criança quem estivesse disponível e sem valor econômico produtivo; por exemplo, irmãos mais velhos. Portanto, o cuidado parental se dava muito mais em função da condição econômica do que em função da certeza parental.

Entre todas as culturas há um tema contínuo; o de que, quando a mulher trabalha, o homem assume um papel diferenciado no cuidado com a prole; assim, a falta de cuidado paternal na classe média industrializada pode se dever à não permissividade da mãe para que os pais se aproximem dos filhos. Se aos machos humanos (assim como nos macacos) é dada a possibilidade de experiências com seus filhotes quando ainda são jovens, a probabilidade de cuidarem dos seus filhotes na vida adulta é muito maior. É possível que a entrada da mulher no mercado de trabalho faça com que a cultura promova espaços onde a participação do pai desde o período pré-natal seja mais intensa e isso aumente, ainda mais, o cuidado paternal substitutivo (Snowdon & Suomi 1982).

Snowdon e Suomi (1982) sugerem não haver nada biologicamente determinado que evidencie o cuidado paternal em humanos. Como entre os outros primatas, uma combinação de certeza parental com necessidade econômica e experiência prévia masculina de se lidar com bebês são essenciais para se analisar o cuidado paterno. O cuidado da criança não seria prerrogativa apenas de mulheres numa sociedade onde os jovens machos são encorajados a ajudar em tal cuidado.

Poder-se-ia acrescentar à conclusão desses autores mais um fator que colaboraria na compreensão do cuidado paterno. Segundo o estudo já citado de Boere (1994), o cuidado de filhotes por machos estaria também associado à maior possibilidade de futuro acasalamento com a fêmea; assim, é plausível pensar que essa vantagem reprodutiva pode ter colaborado com o surgimento do cuidado e amor paternos em

humanos ao longo da evolução.

1.1.4 A Teoria do Apego

Estudiosos como John Bowlby, T. Berry Brazelton, B. Cramer, J.H. Kennell e Marshall H. Klaus são pesquisadores clássicos que identificaram, nos primeiros vínculos do bebê, a chave para a construção da vida emocional saudável. Inspirados por pesquisas etológicas realizadas por Nicholas Tinbergen e Konrad Lorenz, que estudavam o comportamento dos animais em seu ambiente natural e o aspecto instintivo do comportamento (Dawkins 1989), esses estudiosos julgavam que, compreendendo o desenvolvimento de relações familiares em espécies inferiores, poderiam entender comportamentos análogos presentes na clínica com humanos (Bowlby, 1907).

Bowlby (1907) defendia o estudo dos padrões inatos de comportamento para que se pudesse mediar os processos biológicos básicos dos mamíferos, incluindo o homem. Justificava seu interesse por este tipo de estudo afirmando que, se o homem compartilhava dos componentes anatômicos e fisiológicos desses processos com mamíferos inferiores, também poderia compartilhar de seus componentes comportamentais.

Partindo de observações etológicas, que relacionaram à teoria psicanalítica, esses estudiosos depreenderam que os primeiros vínculos do bebê são determinantes de sua segurança afetiva e que a relação de apego é construída primordialmente pelo vínculo com a mãe, logo após o nascimento.

A força e importância do vínculo mãe –bebê, embasando a Teoria do Apego, foram justificadas a partir do princípio de que a vinculação afetiva é um laço construído para que se garanta a sobrevivência da espécie – sua função biológica é de proteção contra predadores e é tão importante quanto a reprodução ou nutrição

(Bowlby 1907). Segundo essa teoria, há no indivíduo em crescimento (geralmente no início do ciclo vital) uma fase sensível do desenvolvimento quando algumas de suas características são determinadas permanentemente (Bowlby 1907) (Kennel e Klaus in Eyer 1992). Nos mamíferos, incluindo os primatas, o primeiro e mais persistente de todos os vínculos é geralmente entre a mãe e seus filhos. Desde cedo, a criança, a partir do cuidado que lhe é dispensado e em função de uma prontidão proveniente de sua história evolutiva, elege a mãe como uma base segura, fonte de consolo e ponto de partida para explorações do ambiente social e físico.

René Spitz (1965/1996), psicanalista e pesquisador do desenvolvimento infantil no primeiro ano de vida, reforçou a importância vincular da mãe com o bebê, especialmente no primeiro ano de vida, indicando em seus estudos que o bebê tem a capacidade perceptiva limitada nas primeiras semanas de vida, o que o protegeria de estímulos ambientais. Assim, ele criaria um “sistema fechado” que somente o comportaria, juntamente com a mãe – mesmo assim, ela não seria percebida exatamente como um objeto externo, mas como uma extensão dele próprio. Outros estudos focando aspectos biológicos do vínculo materno (Rosenblat in Eyer 1992; Ainsworth in Eyer 1992) contribuíram para a percepção de que as relações afetivas do bebê estariam restritas à mãe ou sua substituta.

Embora haja uma tendência nos estudos sobre o apego de se considerar apenas a díade mãe-bebê, alguns contemplaram o papel paterno, mesmo que de forma restrita, reconhecendo que há um desejo universal de ser pai que dá ao homem a sensação de completude e onipotência, já que a paternidade lhe assegura a continuidade de sua linhagem, especialmente sendo o filho do sexo masculino (Brazelton & Cramer 1992).

Como as menções ao pai são raras nesses estudos, é possível compilar em seis itens algumas de suas principais atuações que, no geral, se referem à promoção do

bem estar do bebê e da mãe. São elas:

- Juntamente com a mãe, auxiliar para que a criança resolva seus impulsos de amor e ódio com maior facilidade (Bowlby 1907/1997).
- “Cimentar a família”: o reconhecimento de sua presença auxilia a mãe a ver o bebê como separado de si mesma (Brazelton 1988 p.54).
- Através do apoio emocional paterno, promover uma melhor adaptação da mulher à gestação, ao parto e ao puerpério, ajudando a mãe a desenvolver sua função maternal, especialmente em famílias que fazem pouco uso do sistema de apoio na família estendida (Brazelton & Cramer 1992).
- Enquanto a mãe oferece um continente para os comportamentos interativos, o pai deve proporcionar uma base a partir da qual pode surgir a brincadeira, propondo jogos alegres e estimulantes. Esses dois conjuntos diferentes de respostas enriquecem a expectativa cognitiva e afetiva do bebê em relação ao mundo (Brazelton & Cramer 1992).
- Estar, juntamente com a mãe, em contato com o bebê no período sensível dos primeiros minutos e horas de vida deste, para que, num desenvolvimento posterior, possam alcançar um estágio ótimo de vinculação (apego). A presença do pai é importante para o casal, para que esse possa se tornar uma família e criar o bebê de forma mais construtiva (Kennel & Klaus in Brazelton, 1988).

Como se vê, nessas primeiras explorações sobre o tema, o pai representa, na maioria das vezes, juntamente com outras pessoas do ambiente imediato da criança, uma figura de apego subsidiária (Ades 1998). Embora seu papel não seja integralmente negligenciado, ele não é abordado de forma relevante. Nos estudos sobre esse período de vida da criança, o lugar dado ao pai é o de complementar o cuidado materno, não havendo espaço para que ele construa uma relação particular

com o bebê, a não ser por intermédio da mãe.

1.2 O bebê e sua percepção do meio: possibilidades de interação com o pai

Em que medida os bebês apresentam capacidades sensoriais que lhes permitam realizar interações com outros indivíduos que não somente a mãe? Como supõe Spitz (1965 / 1996), o bebê possui uma barreira protetora contra estímulos. Apenas a mãe estaria habilitada a comunicar-se mutuamente com o recém-nascido?

A sensorialidade do bebê começa a se desenvolver antes mesmo da formação do zigoto. Estudos comprovam que, no processo concepcivo, a sensorialidade das células que compõem o ser humano já estão presentes antes mesmo da concepção. Um exemplo são as células dos espermatozoides, que possuem receptores olfativos que ajudam a encontrar o óvulo fértil através do odor (Papalia & Olds 2000). A sensorialidade acompanhará todo o desenvolvimento ulterior do feto, que gradativamente desenvolverá sua capacidade perceptiva.

No estágio pré-natal, o bebê já possui habilidades sensoriais que estão em vias de desenvolvimento. O tato surge no feto aos 2 meses, e com 32 semanas de gestação todas as partes corporais são sensíveis ao toque – portanto, já há reações a partir da estimulação tátil. Resultados de pesquisas indicam que ouvir a língua nativa antes do nascimento pode “pré-sintonizar” os ouvidos do bebê para captar sons lingüísticos (Haith 1986 in Papalia & Olds 2000).

Ao nascerem, os bebês já trazem um repertório significativo de percepções que lhes permitem captar estímulos do meio que os circunda.

Após o nascimento:

- Possuem audição aguda, embora nos dois primeiros dias essa possa ser prejudicada pelo líquido no ouvido interno durante o nascimento (Papalia &

Olds 2000).

- O neonato tem uma possibilidade de foco melhor aos 30 cm. e manifesta preferência visual, embora a visão seja o sentido menos desenvolvido no nascimento (Fantz & Nevis 1967 in Papalia & Olds 2000).
- Embora manifeste períodos longos de sono, o recém-nascido apresenta estados de consciência que possibilitam trocas significativas com o meio circundante já nas primeiras horas de vida. O estado tranqüilo de alerta favorece o maior repertório de trocas com maior possibilidade de interação e de aprender com a experiência (Wolff & Prechtl década de 60 in Wilhelm 2000).

Após o segundo dia de vida

- São capazes de manifestar preferência por uma voz ao silêncio, uma voz feminina a uma masculina, a voz de sua mãe (mesmo gravada) à de uma outra mulher (Wilhelm 2000).
- Já discriminam entre os sons agudos e graves, a língua materna e outras (Wilhelm 2000).

Após o terceiro dia de vida

- São capazes de distinguir entre a voz da mãe e de uma terceira pessoa, o que pode ser um mecanismo para o vínculo entre os pais e o bebê (DeCasper & Fifer 1980 in Papalia & Olds 2000).
- São capazes de imitar movimentos dos adultos, como sorrisos e expressões faciais (Field & Cohen 1982 in Papalia & Olds 2000).
- São capazes de imitar movimentos de cabeça. Essas habilidades de imitação podem ser atribuídas à tendência primitiva do ser humano de corresponder

aos atos de outros seres humanos (Meltzoff & Moore 1983,1989 in Papalia 2000).

Aos seis dias de vida

- São capazes de reconhecer odores (Macfarlane 1975 in Papalia & Olds 2000).

Na primeiras semanas de vida

- São capazes de aprender e se lembrar (Papalia & Olds 2000).

Trabalhos na área da psicolinguística constataram nos recém-nascidos uma apetência oral exacerbada para uma forma de palavra materna que foi chamada de “motherease” (ou mamanhês). Essa ”língua” apresenta uma série de características específicas de gramática e de pontuação e uma prosódia especial que só se manifesta em situações onde ocorram simultaneamente estupefação, surpresa, prazer e alegria (Fernald 1982 in Laznik 2000). Ou seja, já há uma troca regular de sinais comunicacionais entre a mãe e o bebê desde os primeiros dias de vida. Entretanto, outras observações científicas constataram que bebês prematuros de apenas 28 semanas são capazes de se engajar em uma espécie de dueto vocalizado também com um parceiro, não exclusivamente a mãe, o que evidencia a possibilidade de uma comunicação precoce específica com o pai (Wilheim 2000).

Observações etológicas também contribuem para demonstrar as capacidades comportamentais do recém-nascido, na sua interação com o meio, que garantam sua sobrevivência, favorecendo a formação do apego (Frioli 1997). São elas:

1) *comportamento de chorar* que, sendo um estímulo aversivo para qualquer outro ser humano, chama a atenção para o bebê. Os mais sensíveis a esse estímulo

são, em primeiro lugar, as mulheres e, em segundo lugar, os homens. O choro da criança pode servir como uma “assinatura vocal”, que possibilita o reconhecimento do filho tanto pelo pai quanto pela mãe, e essa capacidade de reconhecimento é necessária na gênese do apego (Busnel 1997); 2) *movimento rítmico e coordenado de procura do mamilo*; 3) *agarrar com pés e mãos*; 4) *reflexo de moro*; 5) *contato olho no olho*, que permite a formação de um laço afetivo entre o bebê e seu cuidador; 6) *atenção à face e fala humana*, o que caracteriza que outro ser humano é o estímulo mais interessante para o bebê que, sendo um ser social, precisa do grupo para se desenvolver; 7) *identificação de odores*.

Diante da evidência de capacidades perceptivas extensas e sofisticadas do bebê em relação ao seu meio em períodos tão remotos de seu desenvolvimento, percebe-se, além da mãe, também o pai como potencial interlocutor dessa rica comunicação precoce. O pai, assim como a mãe, pode desenvolver habilidades de interação de acordo com sinais não verbais que o bebê emite, pois tem a capacidade de ajustar-se ao ritmo e comportamento do mesmo e vice-versa (Busnel 1997).

1.3 Paternidade: uma construção social

“É preciso toda uma aldeia para se criar bem uma única criança”

provérbio africano (Montgomery 1998 , p.122)

Não há um “papel de pai” único que transcenda tempo, lugar e situação social, pois os papéis variam dentro de uma mesma cultura e entre culturas diferentes e a diversidade desses está associada a variações na estrutura social, tais como padrões de parentesco, estrutura familiar e sistema econômico (Lamb 1991 in Korin 2001; Lewis & Dessen 1999). A paternidade, além de uma atribuição biológica de quem gera o ser humano, se acresce de atribuições das leis sociais, que lhe exigem

responsabilidades, e é um aspecto derivado da identidade masculina (Minayo 1998).

Portanto, é importante que o pai seja observado levando-se em conta variações culturais referentes ao tempo histórico em que ele se situa, pois as identidades de pai e filho são frutos de uma construção social que pode tomar forma e dimensões múltiplas. São produzidas através do papel ativo que exercem dentro da família e na sociedade, referendados por outros papéis sociais que os cercam. Sempre se será pai ou filho de alguém na medida em que houver um reconhecimento de tal, independentemente da compatibilidade biológica (Minayo 1998; Vasconcelos 1998).

As últimas décadas do século XX testemunharam uma intensa atividade dos movimentos das mulheres, quando pôs-se em discussão a questão dos gêneros e as desigualdades entre os mesmos. Não houve uma discussão paralela que redefinisse o papel masculino, bem como aspectos de sua identidade em função das transformações pelas quais o mundo feminino passava (Korin 2001). Esse silêncio trouxe algumas conseqüências para as famílias e, em especial, uma certa confusão nas posições do pai e da mãe.

Valdes e Olavarria (1998 in Korin 2001) entendem a criação da identidade masculina como parte do processo de individualização, quando os homens, no esforço de se definirem como seres diferentes de sua mãe, tentam trilhar movimentos distintos da mesma. Segundo os autores, a partir dessa socialização, o desejo e a “capacidade de cuidar” desaparecem; há um recorrente esforço para que o pai ocupe uma posição diante de seus filhos que o distancie do aspecto afetivo da paternidade, pois há um modelo hegemônico que associa a figura masculina ao poder, autonomia, força, racionalidade e repressão das emoções. A maior parte dos homens acaba sendo simultaneamente vítima e cúmplice na sustentação desse modelo, que atribui um perfil estereotipado de masculinidade, cuja predominância faz com que as condutas associadas a este sejam consideradas “naturais”. A conseqüência disso é que, se o

homem não se adequa a esses padrões de masculinidade predominante, ele passa a se considerar e a ser considerado como incompleto, inferior ou afeminado (Korin 2001; Lowenstein & Barker 1998).

Uma derivação desse modelo de comportamento masculino é a separação física e emocional entre pai e filho. Como, nas sociedades industriais, tipicamente os filhos passam mais horas longe dos pais em função da carga horária de trabalho, o que se aprende sobre a masculinidade e paternidade em geral, tanto pelos meios de comunicação quanto pelo grupo social, é feito de forma estereotipada, apresentando-o como competitivo, independente, não vulnerável a doenças (Harrison 1989; La Rosa 1989 in Korin 2001), não passível de comportamentos que denotem ligação afetiva, pois esses são considerados femininos (Korin 2001; La Rosa in Korin 2001).

Pesquisas recentes indicam que meninos criados de forma a terem maior envolvimento emocional com os pais seriam pais diferentes, com maior envolvimento com os filhos (Lewis & Dessen 1999; Giffin 1998). Em função do surgimento de novas configurações familiares, estaríamos entrando em uma era onde o pai passa a ser considerado sob a ótica da emoção?

Há uma relação histórica entre questões econômicas e de identidade masculina no tocante ao modelo de paternidade. Até o advento da Revolução Industrial, o local de trabalho dos homens era em casa ou nos arredores, e as características de contato e cuidado paterno, nesse momento, evidenciavam maior participação do pai no controle, ensino e cuidado das crianças. Após tal Revolução, o trabalho pago afastou o homem da casa ou vila e o relocou para a fábrica, na cidade, ou até mesmo para outros países; as mulheres passaram, então, a ficar sós com suas crianças (Burdon 1998). A nova ordem econômica implicou na formação de uma nova família.

Do início do século XX até os nossos dias, o cenário familiar sofreu mudanças que variaram de uma valorização exclusiva da importância da mãe no

desenvolvimento infantil, no qual o pai era um elemento prescindível, à rediscussão dos papéis na família moderna, quando se considera a possibilidade da criança efetivar vínculos de confiança com pessoas que não necessariamente apresentem consangüinidade com a mesma. Se antes a mãe tradicional cumpria sua função de forma expressiva, empática e afetiva e o pai tradicional exercia sua função de forma instrumental, preocupado com suas competências, destrezas e não sendo socializado para um contato de vínculo afetivo com o filho, agora as funções têm características mescladas e compartilhadas (Múzio 1998).

Estudos indicam que o número de horas de trabalho do casal pode ser um preditor do envolvimento do pai no cuidado com os filhos. Quando ambos os cônjuges trabalham fora, o pai tem maior participação em casa (Burdon 1998; Lewis & Dessen 1999). Entretanto, como houve um incremento nas vagas no setor de serviços, que tradicionalmente emprega mais mulheres, em detrimento das atividades manufatureiras, que empregam mais mão de obra masculina, houve um aumento de pais desempregados que acabaram sendo impelidos à vida doméstica, cuidando mais dos filhos muito mais por força da necessidade do que por ideologia (Lewis & Dessen 1999).

Diante da maior participação da mulher na esfera pública e no mercado de trabalho – o que já não garante ao pai a exclusividade do papel de provedor – do advento do divórcio, dos filhos que hoje não representam recursos produtivos economicamente dentro da família e que são relocados para o seu significado afetivo, há a necessidade de se considerar um novo modelo de pai (Giffin 1998).

Embora se reconheça que determinantes psicológicos, histórico-culturais e econômicos sejam mais importantes na formação do papel paterno do que fatores exclusivamente biológicos, Múzio (1998) aponta o papel do pai como ainda sendo tratado de forma secundária em detrimento de uma mitificação do papel materno,

prevalecendo o modelo tradicional de criação de filhos.

1.3.1 A paternidade e a lei

Traçar um panorama inequívoco da paternidade neste momento de nossa evolução cultural não é tarefa fácil, pois ela traz consigo uma série de aspectos inconclusivos. Aspectos jurídicos ligados à mesma são um bom exemplo. O atual código civil brasileiro pode servir como reflexo de parte de uma realidade na qual mesclam-se, de um lado, posições de consideração da paternidade ligada à função afetiva, com pai e mãe tendo os mesmos direitos em relação aos filhos, e de outro, a biologia (o exame de DNA) como determinante exclusivo da paternidade, prescindindo da palavra materna. Embora a lógica jurídica hoje já considere as questões afetivas nas abordagens sobre parentalidade e alguns operadores do Direito já atentem para seus aspectos mais subjetivos (como o desejo de ser pai e mãe) no exercício de sua jurisprudência, segundo a lei ocidental, a palavra da mãe admitindo quem é o pai tem menos valor do que o teste biológico de paternidade (Dias 2003; Pereira 2003).

“Artigo 1601 – Cabe ao marido o direito de contestar a paternidade dos filhos nascidos de sua mulher, sendo tal ação imprescritível. Parágrafo Único: contestada a filiação, os herdeiros do impugnante têm o direito de prosseguir na ação.

Artigo 1602 – Não basta a confissão materna para excluir a paternidade.

Artigo 1603 – A filiação prova-se pela certidão do termo de nascimento registrada no Registro Civil”

(Novo Código Civil Brasileiro 2000, p.284)

Por um lado, a guarda compartilhada traz consigo a nova perspectiva de que os dois elementos do casal parental possam se responsabilizar pela guarda da criança, aceitando abrir mão da soberania do poder carnal (Shaffa 2003). O poder familiar substituiu o pátrio poder no novo código civil: ambos os pais exercem igualmente, sem nenhuma deferência, todos os direitos referentes ao poder familiar (Oliveira 2003). Por outro, instituiu-se a Presunção da Paternidade, que considera que, no casamento, o marido é sempre o pai por força da lei, embora a paternidade seja incerta.

“Artigo 1584 – Decretada a separação judicial ou divórcio, sem que haja entre as partes acordo quanto a guarda dos filhos, será ela atribuída a quem revelar melhores condições para exercê-la.” (Novo Código Civil Brasileiro 2000, p.282)

Percebe-se a construção de um caminho que vai se revelando permeável a uma relocação do papel de pai em nossa cultura, no qual valores afetivos parecem começar a ganhar crédito. A colocação do representante do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM), Rodrigo Pereira, ilustra esta transição:

“A verdadeira paternidade é adotiva, pois quem não tem a capacidade de adotar o próprio filho, mesmo sendo o pai biológico, não é o verdadeiro pai.”(Pereira 2003)

1.4 A paternidade sob a ótica da psicanálise

Qual é a importância de se voltar o foco da investigação para o pai? Que particularidades sua função guarda que justifiquem um aprofundamento da discussão sobre a paternidade? Partindo de uma abordagem psicanalítica, procurar-se-á estabelecer quem é o pai e o que sua função pode estabelecer na história da criança, desde o momento de seu nascimento. Não se pretende fazer uma digressão entranhando-se na psicanálise enquanto teoria, pois o conjunto de trabalhos

psicanalíticos sobre o tema é extenso e o presente estudo não tenciona essa verticalização. Entretanto, com base no trabalho profissional da autora como psicóloga clínica, julga-se relevante considerar aspectos subjetivos da construção da função paterna.

Uma ponte entre a biologia e a psicologia

Sigmund Freud, criador da psicanálise, concebeu parte de sua teoria fortemente influenciado pelas idéias de Charles Darwin. Como o evolucionismo darwiniano imputava as semelhanças reconhecidas em culturas distintas e geograficamente afastadas a um desenvolvimento independente – mas idêntico – das civilizações, Freud criou a tese de que o primitivo se assemelha à criança, que se assemelha ao neurótico. A partir das idéias darwinistas, Freud buscou elementos culturais para a elaboração da teoria do Complexo de Édipo e para a compreensão da proibição do incesto e das religiões.

A tese da recapitulação - no dizer da qual o indivíduo repete as principais etapas da evolução das espécies (a ontogênese repetindo a filogênese) - e a tese da hereditariedade dos caracteres adquiridos que foi explorada para se compreender também a vida mental do sujeito, foram extraídas a partir das idéias darwinistas (Roudinesco & Plon 1998). Dessa forma, a psicanálise atua como uma ponte entre o biológico e o psíquico (Freud 1913/1974).

Do interesse teórico pelas idéias darwinistas às investigações clínicas concomitantes, Freud criou o conceito de Complexo de Édipo, que permeou a compreensão de toda sua obra e, no caso específico do presente trabalho, aponta para a definição do que vem a ser o “lugar do pai” ou a “função paterna” no desenvolvimento do ser humano.

1.4.1 Pai: uma função simbólica

Biologicamente, após a fecundação o indivíduo macho pode desaparecer. Já feita a transmissão genética, enquanto genitor ele não é mais necessário, sua tarefa está cumprida. Onde estaria, então, o lugar do pai? O macho do louva-deus, após a fecundação, é devorado pela fêmea, que utiliza o corpo do genitor para alimentar sua descendência. O mesmo destino tem o zangão, bem como algumas espécies de ratos marsupiais, após a cópula. O macho segue contribuindo para a sobrevivência da espécie mesmo morto (This 1987). O uso metafórico desses exemplos propõe relocalizar o aspecto da função da paternidade. Haveria um “instinto paterno” correlato ao que se convencionou chamar de “instinto materno”?

A psicanálise considera o pai pontuando seu valor na construção do psiquismo e do processo de subjetivação do sujeito. O sujeito é considerado como possuindo uma história a partir de sua referência paterna. É o pai quem inaugura para o filho sua entrada no Édipo, apontando a mãe como objeto de desejo, e é o pai quem tem a chave para que a criança possa sair dele, apresentando essa mesma mãe como objeto proibido (Martel 1991). As gerações ascendentes orientam a construção do mundo representacional da criança. Como se verá adiante, o pai é responsável pelo nascimento subjetivo do filho.

A principal função paterna é a de introdutor da lei. O pai é seu representante social e é através da apresentação dessa lei que se estabelece, no filho, a experiência da não satisfação imediata dos impulsos. Essa interrupção do fluxo de prazer é o que permite que aquisições simbólicas como a palavra e a comunicação se desenvolvam e o filho seja introduzido à cultura (Azevedo,2003). O pai é o representante do princípio da realidade que facilita a passagem do mundo da família para o mundo da sociedade (Muza 1998). Essa lei do pai territorializa as relações, inclusive delimitando as condições de acasalamento; ela introduz uma pausa nas trocas

restritamente sensoriais entre a criança e a mãe, permitindo a introdução da cultura, que humaniza o filho (Giovanetti 2003; Nosek 2003).

Para a psicanálise, a paternidade não se restringe à herança genética – deve haver um reconhecimento da paternidade por parte da mãe, da sociedade, da cultura. Também os pais são criados e reconhecidos psiquicamente pelos filhos; assim, sua função está associada a instâncias simbólicas não necessariamente biológicas (Azevedo 2003; Martel 1991). Não se trata de pessoas ocupando funções relativas ao gênero ou de ascendência genética, mas de lugares simbólicos (Aberasturi 1985) (Azevedo 2003).

A contemporaneidade da discussão em relação à paternidade não pode deixar de considerar movimentos sociais como a contracepção através da pílula, a engenharia genética, o feminismo e outros que ajudaram a mudar a idéia familiar. Hoje 33% das famílias são monoparentais e, geralmente, chefiadas pela mãe. Diante de configurações tão diferenciadas de família, a existência da relação afetiva é o que caracteriza a família. A posse de estado do filho permite a filiação sócio-afetiva e permite uma outra verdade, que não a biológica (Azevedo 2003).

A ausência paterna provoca uma sobrecarga à mãe, tanto no sentido das responsabilidades quanto nas identificações, pois a criança precisa de um pai e uma mãe para satisfazer, por identificação, sua bissexualidade. Como a figura paterna representa a instância moral do indivíduo, a falta dela provocaria problemas de identificação sexual, dificuldade no reconhecimento de limites e não apreensão de regras de convivência social (Muza 1998).

1.4.2 O pai do (a)feto

Filogeneticamente, o conceito de pai aparece tardiamente na espécie humana (após a associação do coito ao nascimento), ao contrário do conceito de mãe, que é

corporal – a mãe é um lugar. Ontogeneticamente, a história se repete, de certo modo, pois o lugar do pai é um lugar a posteriori (Giovanetti 2003). Não há dúvida quanto à maternidade; entretanto, a paternidade implica numa operação abstrata (Nosek 2003). Há um costume de atribuir, ao pai do feto em desenvolvimento, o título de “futuro pai” – ele ainda não é considerado genitor. Só se é pai uma vez que tenha nascido o filho. Antes do nascimento, ele (o embrião) também não é declarado nem inscrito nos registros de nascimento – ele não existiria legalmente, culturalmente. O status do pai está, pois, ligado ao do filho, o que já seria uma pista de que a função paterna está ligada, de alguma forma, ao fato de falar, nomear, simbolizar, é o não corporal (This 1987).

A criança recém-nascida não necessita apenas de abrigo e proteção; é preciso que ela tenha a possibilidade de se inserir no contexto de sua ascendência, de sua cadeia geracional (Nosek 2003), o que só é acessível pelo desejo dos pais. Desejar o filho também é fundante da criança (Azevedo 2003). Nosek (2003) nomeia esse ato de inserção como “familiagem” e, segundo ele, é o que vai possibilitar o nascimento subjetivo do bebê. Para que a criança exista, não basta considerar seu nascimento biológico – é preciso que a criança faça parte de uma rede de interação, onde estão incluídos pai e mãe, para que ele seja considerado como sujeito único.

A apreensão da figura paterna e a construção de uma relação com o pai que se dá desde o nascimento do bebê têm maiores possibilidades de evoluírem para um caminho de intimidade (Coriat 2000).

Nos períodos do pré, peri e pós-parto, a função paterna assume características peculiares:

- a) Num primeiro momento, o pai faz uso da sua *capacidade de proteger a unidade* mãe-bebê, permitindo a instalação da “preocupação materna

primária”¹, o que proporcionará condições ideais para o desenvolvimento mental do bebê (Colucci 1997). Nessa ocasião, ele não age como o castrador, mas como continente, permitindo a sustentação da vinculação mãe-bebê (Golse 2003).

- b) Posteriormente, ao final do puerpério, faz uso de sua *capacidade de dividir* para interditar a díade mãe-bebê, possibilitando a instalação da tríade e do Complexo de Édipo (Colucci 1997). Seu lugar vai se construindo com a participação da mãe, que atribuirá a ele um lugar distinto dos outros cuidadores, como a avó, por exemplo, pois ele é o homem da mãe e nesse papel se apresentará ao filho (Golse 2003).

O nascimento psicológico do filho só se dá pela ruptura do estado fusional inicial. As mães, solitariamente, não são suficientes para o nascimento psíquico do filho, pois a tendência da mãe é a de manter o bebê dependente, já que ele dá a ela o sentido de completude à sua castração (simbolicamente, o bebê é o pênis que a realidade nega à mãe) (Colucci 1997; Muza1998) .

Além dos aspectos subjetivos apontados pela psicanálise, que reforçam a importância da participação paterna desde os primeiros instantes de vida do bebê, pesquisas da área da psicologia apontam para uma associação significativa entre o desenvolvimento cognitivo dos bebês e o nível elevado de cuidados da criança pelo pai. Pais jovens, felizes no casamento e presentes no nascimento dos filhos apresentam maior probabilidade de cuidar do bebê do que outros de diferente perfil (Nugent 1991 in Papalia&Olds 2000).

Mchale & Huston (1984 in Burdon 1998), pesquisadores do desenvolvimento cognitivo infantil, concluíram que o envolvimento paterno que se inicia desde os

¹ Preocupação materna primária: expressão utilizada por Winnicott para designar a condição psicológica especial de sensibilidade aguçada das mães nas semanas anteriores e posteriores ao

primórdios da existência do bebê tem maior possibilidade de continuidade no decorrer do desenvolvimento infantil e interfere diretamente em seu desenvolvimento, tanto no que se refere a aspectos cognitivos quanto ao que se relaciona à saúde psíquica e desenvolvimento de competências sociais da criança.

Considerando:

1. Que o pai é uma figura importante para o desenvolvimento físico e psicológico da criança;
2. Que o cuidado parental paterno é importante para a sobrevivência e bem-estar da prole e que, em humanos, esse cuidado não se restringe apenas à proteção e defesa da mesma;
3. Que a presença paterna é reasseguradora de uma formação de vínculo de qualidade entre o bebê e a mãe;
4. Que o papel do pai é também socialmente construído;
5. Que o bebê possui um aparelho perceptivo que o permite interagir com outros indivíduos além da mãe;

Pretende-se investigar se o comportamento paterno nas primeiras horas de vida do bebê apresenta características interativas específicas que o diferenciem de outros indivíduos que participam do ambiente imediato da criança.

nascimento do bebê, e que tem a função de habilitar a mãe a interpretar e responder às necessidades do bebê, preservando a saúde psíquica da díade (Davis & Wallbridge 1982).

II – Método

2.1 Local

A pesquisa foi realizada em uma maternidade da rede pública de Goiânia, localizada em um bairro de classe média baixa e que atende a usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), prestando serviços de ginecologia, obstetrícia e planejamento familiar. A maternidade é também local de formação de profissionais da área de saúde, funcionando como uma maternidade escola. A direção da referida maternidade autorizou o livre acesso da pesquisadora para a realização da pesquisa.

As observações foram realizadas em uma enfermaria designada para a acomodação de mães submetidas ao parto normal e de seus bebês. No local, havia um total de oito leitos acompanhados de berços posicionados ao lado de cada cama. À frente de cada cama, havia uma mesa com uma jarra de água e copo.

2.2 Sujeitos

Participaram dessa pesquisa pais, mães, bebês e visitantes aparentados ou não, que se encontravam na enfermaria no momento do horário da visita. O horário de visitas permitido pela maternidade é das 16:00 às 17:00, diariamente. Os sujeitos pesquisados pertenciam à classe média baixa e baixa.

As mães tinham idades que variavam de 17 a 37 anos, havia mães tanto primíparas quanto multíparas, e todas as mães tiveram parto vaginal.

O tempo de vida dos bebês pesquisados variou entre um e três dias.

2.3 Material

O material utilizado na coleta de dados foi:

- 01 câmera filmadora (compact VHS camcorder) marca JVC mod. GR –

SX867UM

- 7 fitas de vídeo VHS para gravação marca JVC mod. EHG 30 compacta
- tripé para a câmera Marca Mirage mod. H-3

Para a análise dos dados foram utilizados:

- 01 aparelho de televisão Sony 14 polegadas
- 01 vídeo-cassete Philips 6 cabeças (mod.VR 756-78)

2.4 Procedimentos de coleta de dados

De posse da permissão da direção da maternidade para a coleta de dados, iniciou-se um estudo piloto. Nessa primeira abordagem, a observação foi feita com a presença da observadora, que registrava manualmente o comportamento dos sujeitos que compunham as tríades. Não havia ainda a presença da câmera de vídeo. Verificou-se que os sujeitos ficavam aparentemente constrangidos, olhando demasiadamente para a observadora durante o tempo da observação. Assim, optou-se pelo uso da filmagem em vídeo, que verificou-se não incomodar tanto os sujeitos quanto a presença física de um observador². A partir dessa observação preliminar, definiu-se também o tempo de filmagem de oito minutos por tríade e a forma de abordagem às mães para o pedido de consentimento para a coleta.

Iniciou-se, a partir de então, as sessões de observação, que aconteciam geralmente uma vez por semana, de acordo com a disponibilidade da pesquisadora. As filmagens eram feitas durante o horário de visitas estabelecido pela maternidade, das 16:00 às 17:00.

A observadora se apresentava às mães na enfermaria 15 minutos antes do horário

² Isso foi posteriormente comprovado na análise dos resultados, quando o comportamento de olhar para a câmera foi mensurado.

estabelecido para as visitas, e nesse momento elas eram informadas oralmente a respeito dos procedimentos e objetivos da pesquisa e davam seu primeiro consentimento oral para serem possivelmente filmadas caso recebessem alguma visita. Informou-se que a pesquisa seria sobre “o horário de visitas na maternidade”. Julgou-se necessário omitir o objetivo real da pesquisa para que as mães não artificializassem o comportamento. Ficava a cargo da mãe informar ou não aos visitantes a respeito da pesquisa.

Posteriormente à filmagem da tríade, formalizava-se o pedido de consentimento àquelas mães que haviam sido filmadas, repetindo-se o mesmo pedido inicial. Esse consentimento era, então, gravado, e os sujeitos não precisavam ser identificados pelo nome. Nesse momento, também era perguntado o grau de parentesco da visita ou visitas que haviam sido filmadas, a ordem de nascimento daquele bebê em relação aos outros filhos e a data de nascimento e sexo do bebê.

Para a filmagem da tríade, posicionava-se a câmera sobre o tripé, a uma distância entre 1,5 e 2 metros, de forma que os comportamentos dos sujeitos fossem capturados com detalhes suficientes para análise e que se pudesse detectar movimentos de aproximação e afastamento das visitas em relação à díade mãe-bebê. Após os ajustes, a câmera era acionada e a observadora saía da sala por, no mínimo, seis minutos, procurando evitar, assim, que sua presença intimidasse os sujeitos. Transcorrido o tempo pré-estabelecido, a pesquisadora retornava à enfermaria, reposicionava a câmera de forma a filmar outra mãe e ausentava-se novamente.

Por dia, eram filmadas em média quatro tríades, dependendo do número de mães que consentiam, da quantidade de leitos ocupados e da presença ou não de visitas durante a presença da observadora.

2.5 Procedimentos de análise

A primeira análise dos vídeos foi exploratória, utilizando-se o método de observação *ad libitum* (Martin & Bateson 1988; Frioli 1997). O objetivo era de se detectar quais comportamentos poderiam ser significativos para se medir o comportamento dos membros das tríades (pai - mãe - visita).

Como resultado dessa observação, delineou-se as categorias de comportamentos a serem quantificadas (descritas abaixo) e o método de registro.

2.5.1 Método de registro

O método de registro escolhido foi o de amostragem instantânea (Martin & Bateson 1988). O comportamento de cada tríade foi analisado durante 300 segundos sucessivos (5 minutos), que foram divididos em 60 intervalos de 5 segundos cada. No instante de tempo final de cada intervalo era feita uma pausa na exibição da fita, quando se anotava quais comportamentos, dentre os pré-selecionados, estavam sendo realizados naquele momento. O intervalo de 5 segundos entre uma amostragem e outra foi escolhido por ser mais acurado para detectar comportamentos sutis, como “o olhar” e o “toque”, e por dar uma melhor noção do estado da tríade naquele instante e da movimentação dos sujeitos (vide categorias de comportamento e de estados abaixo).

A duração do intervalo escolhida entre os registros permite uma maior aproximação para a estimativa de duração de estados de comportamento (Martin & Bateson 1988).

2.5.2 Identificação de tríades para análise

Cada tríade foi devidamente identificada em termos da relação do visitante com a mãe. Considerou-se, também, a presença de outros visitantes para aquele bebê,

como participantes do contexto no momento de filmagem, embora não fossem foco de análise.

A escolha dos sujeitos a serem analisados nas filmagens seguiu os seguintes critérios:

1. Nitidez da filmagem;
2. O tempo de encontro dos sujeitos das tríades deveria ser de, no mínimo, cinco minutos, e se um dos sujeitos se ausentasse por mais de 50 segundos consecutivos do contexto de filmagem, aquela tríade era descartada da análise;
3. A escolha da visita a ser analisada: quando havia a presença de vários visitantes, optou-se pela escolha, como sujeito, daquele cujo comportamento pudesse ser mais claramente observado na filmagem;
4. Considerando-se que visitas masculinas eram raras, optou-se por priorizar a escolha do sujeito visitante masculino para que seu comportamento pudesse ser comparado ao comportamento paterno;
5. Considerou-se como “pai” o que era nomeado pela mãe;
6. Embora a enfermaria onde foram feitas as filmagens comportasse mães e bebês em bom estado de saúde advindos de parto natural, um número considerável de crianças desenvolveu icterícia neonatal³ e deveria se submeter a sessões de fototerapia na própria enfermaria, em berços especiais, ao lado do leito da mãe. As tríades cujas crianças estavam se submetendo à sessão de fototerapia não foram incluídas nos dados da pesquisa, já que o estado da criança poderia interferir na interação entre os sujeitos.

Foram filmadas um total de 48 tríades, mas apenas 35 foram validadas para

³ Icterícia neonatal: doença causada pela imaturidade do fígado, pode ocorrer em 50% dos recém nascidos. O tratamento ambulatorial consiste em sessões de fototerapia, em um berço especialmente

análise, por estarem inseridas nos critérios acima estabelecidos. Um dos resultados surpreendentes foi a fácil habituação das pessoas filmadas à câmera. Em várias filmagens, os sujeitos desconsideravam de tal forma sua presença que se postavam em frente a esta, dificultando o trabalho de coleta. A presença da câmera aparentemente não interferiu na “naturalidade” do comportamento.

2.5.2.1 Categoria de tríades

Embora este estudo pretenda comparar o comportamento paterno nas tríades MÃE-PAI-BEBÊ com o comportamento da visita nas tríades MÃE –VISITA – BEBÊ, optou-se por subdividir as Tríades Pai e Tríades Visita em subgrupos, para efeito de análise de particularidades que pudessem ser significativas para a pesquisa. As tríades foram assim subdivididas:

TRÍADES PAI

Mãe-pai-bebê (MPB): Estavam presentes no contexto de filmagem apenas sujeitos mãe pai e bebê.

Mãe-pai-bebê-visita(s) (MPBv): Estavam presentes no contexto de filmagem, além dos sujeitos pai, mãe e bebê, uma ou mais visitas, que não foram analisadas.

TRÍADES VISITA

Mãe-visita-bebê (MVB): Estavam presentes no contexto de filmagem apenas os sujeitos mãe, visita do sexo feminino e bebê.

Mãe-visita feminina-bebê-outras visitas (MVBv): Estavam presentes no contexto de filmagem, além dos sujeitos visita feminina, mãe e bebê, uma ou mais visitas, que

aquecido e iluminado, onde a criança deve ficar por um certo período de tempo, com os olhos devidamente protegidos por uma faixa de gaze.

não foram analisadas.

Mãe-visita masculina-bebê (MVBh): Estavam presentes no contexto da filmagem os sujeitos mãe, visita masculina (que não fosse o pai) e bebê, podendo ou não haver a presença de outro visitantes, que não foram analisados. Foi estabelecida a análise do comportamento do sujeito visita masculina para, através de comparação com o comportamento paterno, se detectar a presença ou não de algum comportamento de gênero que fosse similar tanto no visitante masculino quanto no pai.

2.5.3 Construção de categorias descritivas do comportamento

Procurou-se selecionar para a análise, dentre o repertório de comportamento dos sujeitos, aqueles que se caracterizassem por indicar algum nível de interação entre os sujeitos da tríade e que identificassem aspectos relacionais nas condutas da mãe-pai-bebê e mãe-visita-bebê. Através da análise de vídeo, foram estabelecidas categorias de comportamentos padronizados envolvidos no tema, que compuseram o etograma no qual foram catalogadas.

Para tanto, cada sujeito, com exceção do bebê, foi analisado individualmente e formulou-se, a partir de então, categorias de comportamento que fossem comuns aos sujeitos da tríade.

2.5.3.1 Categorias descritivas do comportamento da mãe

Olhar o bebê (OBm): A mãe direciona o olhar para o bebê.

Olhar para terceiros (OEm): A mãe direciona o olhar para qualquer objeto ou pessoa que não seja um dos sujeitos da tríade (bebê, pai ou visita).

Olhar para o pai (OPm): A mãe direciona o olhar para o pai.

Olhar para a visita (OVm): A mãe direciona o olhar para a visita.

Tocar o bebê (TBm): A mãe toca qualquer parte do corpo do bebê com a(s) mão(s), com movimentos suaves e ritmados, sem executar tarefas de puericultura.

Tocar terceiros (TEm): A mãe toca com a(s) mão(s) em qualquer objeto ou pessoa que não seja sujeito da tríade (pai, visita ou bebê).

Tocar o pai (TPm) : A mãe toca com a(s) mão(s) em qualquer parte do corpo do pai.

Manusear objetos ao redor (MEM): A mãe manuseia objetos que estejam em seu contexto de filmagem, realizando movimentos de deslocamento dos mesmos.

Puericultura (PRm): A mãe realiza atividade com o bebê para a manutenção de seu bem estar físico. Exemplos: trocar ou ajeitar a roupa, limpá-lo, trocar a fralda.

Vocalizar olhando o bebê (VBm): A mãe vocaliza direcionando o olhar para o bebê.

Vocalizar olhando o pai (VPm) : A mãe vocaliza direcionando o olhar para o pai.

Vocalizar olhando terceiros (VEm) : A mãe vocaliza direcionando o olhar para qualquer pessoa ou objeto que não seja um dos sujeitos da tríade (pai, visita ou bebê).

Vocalizar olhando visita (VVm): A mãe vocaliza direcionando o olhar para a visita analisada.

Comportamentos autodirigidos (CAU): A mãe realiza movimentos que denotem cuidado com ela própria. Exemplos: pentear os cabelos, coçar-se, abanar-se.

Olhar para a câmera (OCm): A mãe direciona o olhar para a câmera.

2.5.3.2 Categorias descritivas do comportamento do pai

Olhar o bebê (OBp): O pai direciona o olhar para o bebê.

Olhar para terceiros (OEp): O pai direciona o olhar para qualquer objeto ou pessoa que não seja um dos sujeitos da tríade (bebê ou mãe).

Olhar para a mãe (OMp): O pai direciona o olhar para a mãe.

Tocar o bebê (TBp): O pai toca qualquer parte do corpo do bebê com a(s) mão(s), com movimentos suaves e ritmados, sem executar tarefas de puericultura.

Tocar terceiros (TEp): O pai toca com a(s) mão(s) em qualquer objeto ou pessoa que não seja sujeito da tríade (mãe ou bebê).

Tocar a mãe (TMp): O pai toca com a(s) mão(s) em qualquer parte do corpo da mãe.

Manusear objetos ao redor (MEp): O pai manuseia objetos que estejam em seu contexto de filmagem, realizando movimentos de deslocamento dos mesmos.

Puericultura (PUp): O pai realiza atividade com o bebê para a manutenção de seu bem estar físico. Exemplos: trocar ou ajeitar a roupa, limpá-lo, trocar a fralda.

Vocalizar olhando o bebê (VBp): O pai vocaliza direcionando o olhar para o bebê.

Vocalizar olhando a mãe (VMp): O pai vocaliza direcionando o olhar para a mãe.

Vocalizar olhando terceiros (VEp): O pai vocaliza direcionando o olhar para qualquer pessoa ou objeto que não seja um dos sujeitos da tríade (mãe ou bebê).

Olhar para a câmera (OCp): O pai direciona o olhar para a câmera.

2.5.3.3 Categorias descritivas do comportamento da visita

Olhar o bebê (OBv): A visita direciona o olhar para o bebê.

Olhar para terceiros (OEv): A visita direciona o olhar para qualquer objeto ou pessoa que não seja um dos sujeitos da tríade (bebê ou mãe).

Olhar para a mãe (OMv): A visita direciona o olhar para a mãe.

Tocar o bebê (TBv): A visita toca qualquer parte do corpo do bebê com a(s) mão(s), com movimentos suaves e ritmados, sem executar tarefas de puericultura.

Tocar terceiros (TEv): A visita toca com a(s) mão(s) em qualquer objeto ou pessoa que não seja sujeito da tríade.

Tocar a mãe (TMv): A visita toca com a(s) mão(s) em qualquer parte do corpo da mãe.

Manusear objetos ao redor (MEv): A visita manuseia objetos que estejam em seu contexto de filmagem, realizando movimentos de deslocamento dos mesmos.

Puericultura (PUv): A visita realiza atividade com o bebê para a manutenção de seu bem estar físico. Exemplos: trocar ou ajeitar a roupa, limpá-lo, trocar a fralda.

Vocalizar olhando o bebê (VBv): A visita vocaliza direcionando o olhar para o bebê.

Vocalizar olhando a mãe (VMv): A visita vocaliza direcionando o olhar para a mãe.

Vocalizar olhando terceiros (VEv): A visita vocaliza direcionando o olhar para qualquer pessoa ou objeto que não seja um dos sujeitos da tríade (mãe ou bebê).

Olhar para a câmera (OCv): A visita direciona o olhar para a câmera.

2.5.4 Construção de categorias descritivas dos estados dos sujeitos

Além das categorias propriamente comportamentais, também elaborou-se categorias que identificassem o estado do sujeito em sua disposição espacial no contexto de filmagem, indicando a proximidade dos sujeitos entre si, bem como a posição que a mãe e o bebê ocupavam diante de cada visitador da tríade – no caso, o pai ou a visita. Esperava-se que houvesse comportamentos de estado diferenciados da mãe diante da visita e diante do pai, e que ela assumiria mais posturas de descanso diante do pai do que diante da visita. A construção dessas categorias seria um recurso para se visualizar a interação comportamental dos sujeitos das tríades em determinadas situações de contexto espacial. Abaixo, as descrições das categorias de

estado:

Distância em relação à mãe 10 cm (DRM 10): A distância entre o sujeito visitador analisado (visita ou pai) e a mãe é menor ou igual a 10 centímetros.

Distância em relação à mãe 10 a 20 cm (DRM 20): A distância entre o sujeito visitador analisado (visita ou pai) e a mãe é menor do que 20 centímetros e maior do que 10 centímetros.

Distância em relação à mãe acima de 20cm (DRM 30): A distância entre o sujeito visitador analisado (visita ou pai) e a mãe é maior ou igual a 20 centímetros.

Bebê no colo da mãe (CLM): O bebê permanece no colo da mãe sem amamentar.

Bebê no colo do sujeito visitante (CLS): O bebê permanece no colo do sujeito que está sendo analisado (pai ou visita).

Bebê no colo de terceiros (CL3º): O bebê permanece no colo de alguém que não seja um dos sujeitos analisados da tríade (mãe, visita ou pai).

Bebê em um substrato horizontal (HOR): O bebê permanece em um substrato horizontal disponível na enfermaria, que poderia ser o berço ou cama da mãe.

Bebê mamando (MAM): O bebê permanece no colo da mãe em posição de amamentação.

Mãe deitada (MD): A mãe permanece em posição deitada sobre a cama.

Mãe em pé (MP): A mãe permanece em pé.

Mãe sentada (MS): A mãe permanece em posição sentada sobre a cama ou sobre a cadeira.

III – Resultados

Das 35 tríades analisadas no total, 16 incluíram visitas. Essas serão chamadas “Tríades Visita”. Dezenove tríades eram compostas por pais. Essas serão chamadas “Tríades Pai”. As visitas eram, na sua maior parte, mulheres aparentadas de primeiro grau da mãe ou do pai (irmãs ou mãe). As visitas masculinas, excetuando os pais, eram em menor número e, no geral, também eram parentes de primeiro grau. As tabelas 1 e 2 abaixo mostram a distribuição dos tipos de tríade.

Tabela 1. Quantidade e categorias de Tríades Visita

<i>Tipo de tríade</i>	<i>Nº de tríades</i>
MVB	5
MVBh	5
MVBv	6
Total	16

Tabela 2. Quantidade e categorias de Tríades Pai

<i>Tipo de tríade</i>	<i>Nº de tríades</i>
MPB	10
MPBv	9
Total	19

Através das análises de vídeo, averiguou-se a ocorrência dos comportamentos de interesse nos 60 intervalos pré-estabelecidos.

Comparando-se a frequência cumulativa dos comportamentos do grupo controle (pais) e grupo experimental (visitas), observou-se as diferenças comportamentais descritas a seguir:

3.

3.1 A distância

As figuras 1 e 2 mostram que a distância média entre a posição do pai em relação à mãe foi menor do que a posição das visitas em relação à mesma. As barras

amarelas da figura 2 demonstram que os pais permaneceram mais próximos das mães, na distância DRM 10 (no máximo 10 cm), em média, em 37 dos 60 intervalos analisados, sendo que, dentre as tríades onde não havia a presença de visitas (MPB), a média de ocorrências aumentou para 40. Já a média das distâncias das visitas em relação às mães foi de mais de 20 cm (DRM 30), em 32 dos 60 intervalos, e em apenas 5 dos 60 intervalos, na distância DRM 10 (distância de no máximo 10 cm). A barra azul da figura 1 demonstra que a visita masculina (MVBh) permaneceu na distância DRM 30 (mais de 20 cm), em média, em 48 dos 60 intervalos.

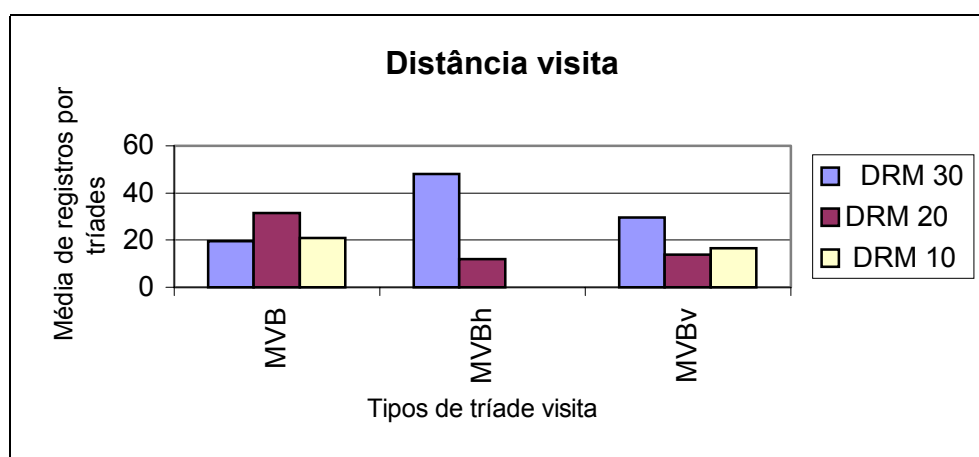


Figura 1. Distância das visitas em relação à mãe, medidas pela média de registros por tríade. MVB=mãe-visita-bebê; MVBh=mãe-visita masculina-bebê; MVBv=mãe-visita-bebê-visitantes; DRM=distância em relação a mãe medida em centímetros.

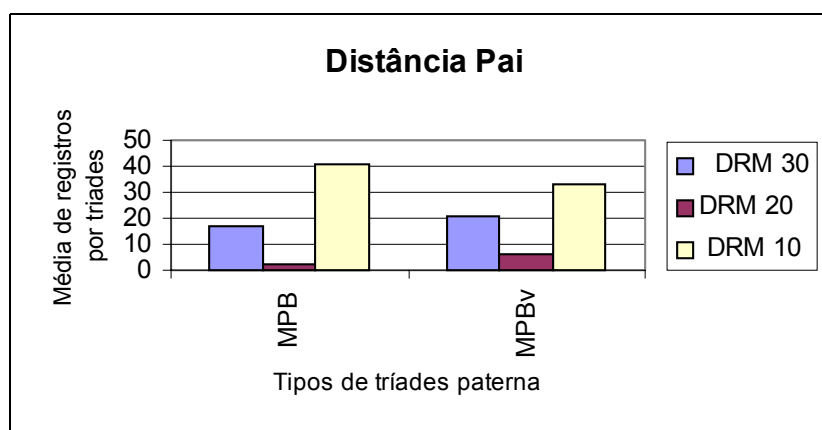


Figura 2. Distância do pai em relação à mãe medida pela média de registros por tríade. MPB=mãe-pai-bebê; MPBv=mãe-pai-bebê-visita; DRM=distância em relação a mãe medida em centímetros.

Enfim, visitas do sexo masculino tenderam a manter uma distância maior da mãe

do que visitantes do sexo feminino.

3.2 A posição do bebê e da mãe

3.2.1 Bebê no colo da mãe (CLM)

Dentre as tríades visita, o bebê permanecia, em média, por 5 dos 60 intervalos na posição CLM (colo da mãe); nas tríades paternas essa média subiu para 7. Como se pode ver nas figuras 3 e 4, nas tríades MVB (visita feminina sem outros visitantes) e MPB (pai sem outros visitantes), a média de ocorrências, em ambas, foi de 12 dentre os 60 intervalos. Na presença do visitante masculino (MVBh), o bebê permaneceu uma média de 1 entre os 60 intervalos no colo da mãe, prevalecendo, na maior parte do tempo, no colo de terceiros ou sendo amamentado pela mãe.

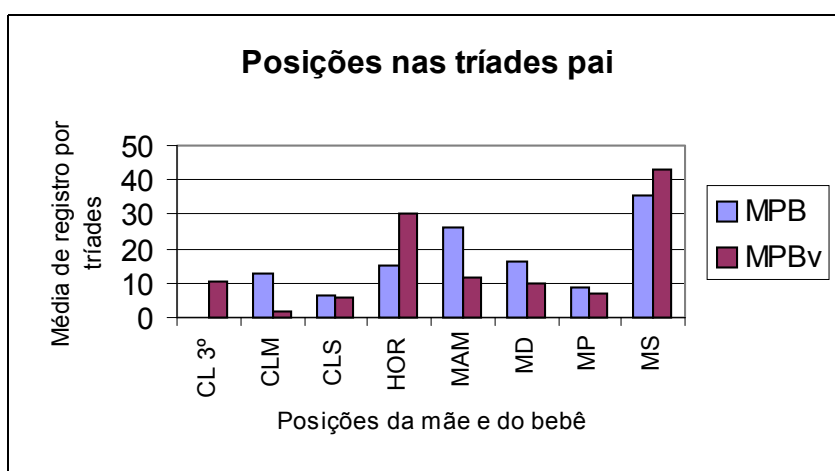


Figura 3. Posições da mãe e do bebê nas tríades pai medidas pela média de registros. MPB=mãe-pai-bebê, MPBv=mãe-pai-bebê-visitantes; CL3º=bebê no colo de outros visitantes; CLM=bebê no colo da mãe; CLS=bebê no colo do pai; HOR=bebê em substrato horizontal; MAM=mãe amamentando; MD=mãe deitada; MP=mãe me pé; MS=mãe sentada

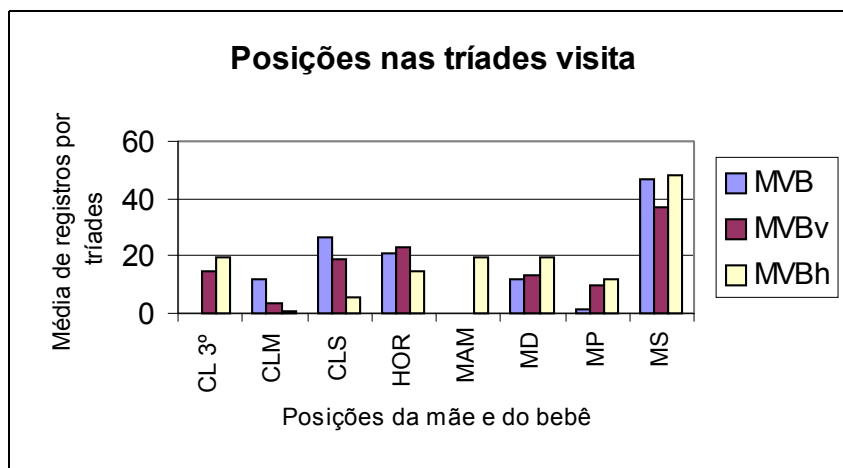


Figura 4. Posições da mãe e do bebê nas tríades visita medidas pela média de registros. MVB=mãe-visita-bebê, MVBv=mão-visita-bebê-visitante; MVBh=mãe-visita masculina-bebê- CL3°=bebê no colo de outros visitantes; CLM=bebê no colo da mãe; CLS=bebê no colo da visita; HOR=bebê em substrato horizontal; MAM=mãe amamentando; MD=mãe deitada; MP=mãe me pé; MS=mãe sentada

3.2.2 Bebê no colo do sujeito (CLS)

O pai, no geral, carregava menos os bebês do que as visitas, especialmente as femininas, como representam as figuras 3 e 4 no comportamento CLS. Nas tríades paternas, registrou-se uma média de 6 ocorrências dentre as 60 possíveis do bebê no colo do pai, diferentemente das tríades visita, que tiveram o bebê no colo numa média de 17 ocorrências dentre as 60 possíveis.

3.2.3 Bebê mamando (MAM)

A mãe amamentava mais vezes na presença do pai (média de 19 ocorrências) do que na presença da visita (média de 6 ocorrências), sendo que nas tríades onde havia somente a presença paterna (MPB) a média de ocorrência desse comportamento aumentava (média de 26 ocorrências); isso pode ser visto na figura 3, na barra azul do comportamento MAM. Dentre as tríades visita, as tríades de presença masculina (MVBh) foram as únicas nas quais registrou-se o comportamento de amamentar o bebê (MAM). Isso é visível na figura 3, que representa a posição da mãe diante do

pai, e na figura 4, que representa a posição da mãe diante da visita.

3.2.4 Posição da mãe

A mãe permanecia, em ambas as categorias de tríades (visita e paterna), sentada na maior parte do tempo, em segundo lugar deitada, e em terceiro, de pé. Na figura 3, a barra azul do comportamento MP mostra que a categoria de tríade na qual ela se postou mais ativamente, em pé, foi na presença do pai, sem as visitas (MPB), quando ela permaneceu uma média de 8 dos 60 intervalos em pé, um tempo significativamente maior se comparado com a presença somente da visita (MVB), cuja ocorrência média foi de 1 registro nessa mesma posição (ver barra azul da figura 4 no comportamento MP).

3.3 Comportamentos do pai e da visita

3.3.1 Olhar

Olhar direcionado ao bebê (OB)

A média de registros desse comportamento foi semelhante em ambas as tríades pois, em média, a visita olhou para o bebê em 22 dos 60 intervalos, e o pai em 23, como pode ser visto nas figuras 5 e 6; a análise de variância confirmou não haver diferenças significativas, no geral, no comportamento OB realizado entre as tríades, embora o pai apresente uma tendência a olhar mais do que as visitas. Nos registros de frequência, constatou-se uma diferença entre o olhar da visita e do pai nas situações MPB e MVB, tendo a primeira tríade uma frequência média de 24 registros dentre os 60 intervalos, e a segunda, 21 registros em média.

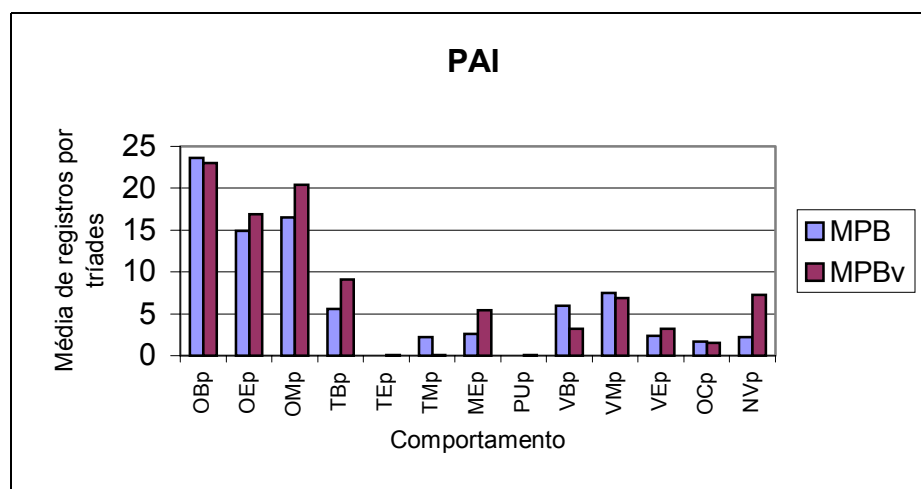


Figura 5. Comportamento dos pais medido pela média de registros por tríades. MPB=mãe-pai-bebê; MPBv=mãe-pai-bebê-outros visitantes; OBp=olhar bebê; OEp=olhar terceiros; OMp=olhar mãe; TBp=tocar bebê; TEp=tocar estranhos; TMp=tocar mãe; MEp=manusear objetos; PUp= puericultura; VBp=vocalizar olhando bebê; VMP=vocalizar olhando mãe; VEp=vocalizar olhando terceiros; Ocp=olhar câmera

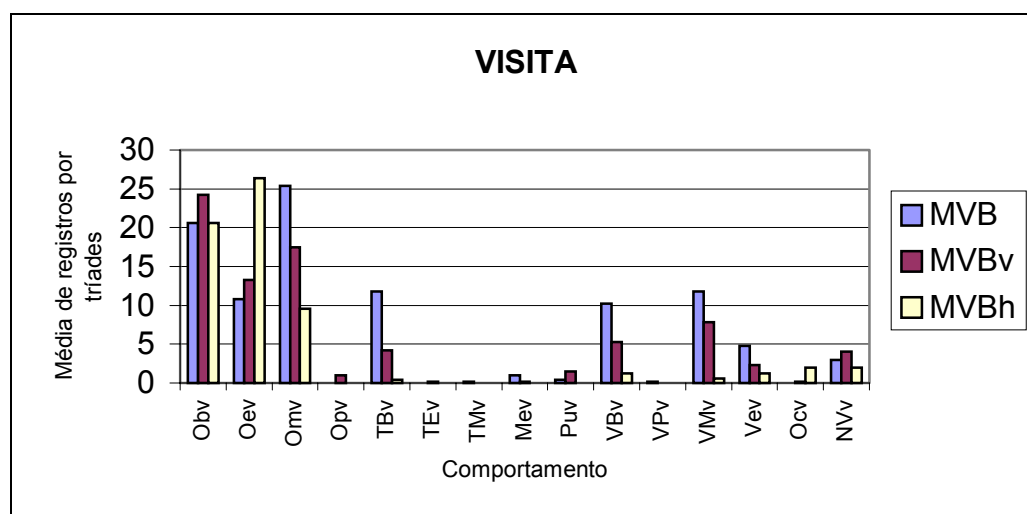


Figura 6. Comportamento das visitas medido pela média de registros por tríades. MVB=mãe-visita-bebê; MPBv=mãe-visita-bebê-outros visitantes; MVBh=mãe-visita masculina-bebê; OBp=olhar bebê; OEv=olhar terceiros; OMv=olhar mãe; TBv=tocar bebê; TEv=tocar estranhos; TMv=tocar mãe; MEv=manusear objetos; Puv= puericultura; VBv=vocalizar olhando bebê; VMv=vocalizar olhando mãe; VEv=vocalizar olhando terceiros; Ocv=olhar câmera

A inspeção dos vídeos revelou uma diferença qualitativa do olhar do pai e da visita, que foi mais pormenorizadamente analisado. A comparação da frequência média de registros por sessão entre os comportamentos realizados pelo pai confirmou a suposição e mostrou que alguns comportamentos ocorreram acima da significância estatística (anova oneway $F= 26,13; 12,1081gl; p<0,001$). Os pais olharam mais para

os bebês ($2,1 \pm 0,7$ vezes) do que para a mãe ($1,6 \pm 5,5$ vezes) ou para terceiros ($1,5 \pm 5,2$ vezes). A comparação do comportamento das visitas também apresentou significância (anova oneway $F=5,09$; $14,78$ gl; $p<0,001$); entretanto, a média de frequência de olhares dessas em direção ao bebê foi menor do que a dos pais. Tanto pais quanto visitas olharam significativamente mais para os bebês, mas os pais olharam numa média de frequência maior e com maior constância.

Na intenção de se detalhar se havia alguma particularidade no comportamento de olhar o bebê, analisou-se esse comportamento no pai e na mãe de acordo com o sexo dos bebês e verificou-se que a frequência média do comportamento OB realizado pelo pai foi maior para bebês do sexo masculino (anova oneway $F=10,32$; $1,196$ gl; $p<0,005$). Ou seja, o pai olhou menos para os bebês do sexo feminino, independentemente do tipo de tríade em que estava inserido. Já a mãe não apresentou diferenças estatísticas significativas do olhar de acordo com a variável sexo dos bebês; entretanto, a frequência média desse comportamento por sessão tendeu a ser maior para os bebês do sexo masculino.

Olhar direcionado à terceiros (OE)

Foi, na média, similar entre as tríades da visita (frequência média de 17 registros) e as tríades do pai (frequência média de 16 registros). A visita masculina (MVBh), porém, destacou-se, olhando significativamente mais para terceiros. Isso pode ser visto na barra amarela da figura 6, no comportamento OE; dos 60 intervalos, registrou-se, em média, a ocorrência de 26 comportamentos. Dentre o repertório de comportamentos analisados nas tríades visitas, esse comportamento foi o que apresentou maior frequência, tendo como atores as visitas masculinas (anova oneway $F=4,03$; $8,153$ gl; $p<0,001$). As visitas femininas (MVB e MVBv), em média,

olhavam menos para terceiros do que os pais sozinhos ou acompanhados de outros visitantes (MPB e MPBv).

Olhar direcionado à mãe (OM)

Também permaneceu similar no grupo geral de visitantes e pais; entretanto, a visita sem acompanhantes (MVB) olhou 1,5 vezes mais para a mãe (frequência média de 25 registros) do que o pai (MPB) (frequência média de 16 registros) na mesma condição; a visita masculina (MVBh) foi a categoria de tríade que menos direcionou o olhar para a mãe (frequência média de 9 registros).

Olhar direcionado à câmera (OC)

Foi o comportamento que menos ocorreu, em todos os tipos de tríades, dentre todo o repertório de comportamento analisado. Teve uma média de 2 registros entre as tríades paternas e 1 registro entre as tríades de visitantes (ver figuras 5 e 6).

3.3.2 Tocar

Tocar o bebê (TB)

Analisando-se a frequência média do comportamento, observou-se uma diferença entre as tríades paternas e as tríades visita. Os pais, no geral, tocaram menos os bebês quando estavam a sós com a mãe, na condição MPB (média de 6 registros), do que as visitas femininas nessa mesma condição (MVB, média de 12 registros). No geral, os pais tocaram mais os bebês quando estavam acompanhados de outros visitantes, na condição MPBv, como mostra a barra azul da figura 5 no comportamento TB. A categoria de visitantes masculinos (MVBh) foi a que menos tocou os bebês, tendo sido registrada, dentre todas as tríades de visitantes masculinos, apenas 1 ocorrência desse comportamento.

Tocar terceiros (TE)

A frequência desse comportamento foi praticamente nula em todas as categorias de tríades, tanto paternas quanto de visitantes.

Tocar a mãe (TM)

Teve uma baixa frequência de ocorrência. Apresentou o registro máximo de 1 ocorrência entre os visitantes; entre as categorias paternas, a frequência máxima registrada foi de 13 registros em uma única tríade MPB.

3.3.3 Manusear objetos ao redor (ME)

Em geral, a frequência desse comportamento foi baixa entre as tríades visita, não registrando-se nenhuma ocorrência entre as visitas masculinas (MVBH), contra 3 nas tríades MVB e 1 ocorrências na tríade MVBv. Já entre as tríades paternas em geral, esse comportamento teve uma frequência média maior (média de 4 registros), aumentando essa média para 5 registros quando a tríade paterna era acompanhada de outros visitantes MPBv (ver figura 5).

3.3.4 Puericultura (PU)

Houve uma ausência desse comportamento entre as tríades paternas e uma média de registros próxima a 0 entre as tríades de visitas, sendo que, nas tríades de visitas femininas acompanhadas de outros visitantes (MVBv), a frequência média aumentou para 1.

3.3.5 Vocalizar

As visitas femininas apresentaram uma tendência maior à vocalização em todas as situações, como mostram as figuras 5 e 6.

Vocalizar olhando para o bebê (VB)

Houve pouca diferença entre as tríades de visitantes (frequência média de 6 registros) e as tríades paternas (frequência média de 5 registros), sendo que as categorias de tríade que apresentaram maior média de registros foram a MVB (média de 10 registros) e MPB (média de 6 registros).

Vocalizar olhando para a mãe (VM)

Houve uma média de registros geral similar entre as categorias paterna e de visitas. As visitas femininas sem a presença de outras visitas (MVB) foram a categoria que mais vocalizou para a mãe (média de 12 registros). Na categoria MPB, houve um registro de frequência média de 7 registros.

Vocalizar olhando para terceiros (VE)

Houve similaridade na frequência média desse registro entre as tríades paternas e de visitas.

3.4 Comportamentos da Mãe**3.4.1 Olhar***Olhar o bebê (OBm)*

Foi mais freqüente na presença das visitas (média de 24 registros) do que na presença dos pais (média de 19 registros), como se pode ver nas figuras 7 e 8. Na tríade do visitante masculino (MVBh), a frequência média de olhares para o bebê aumentou para 32.

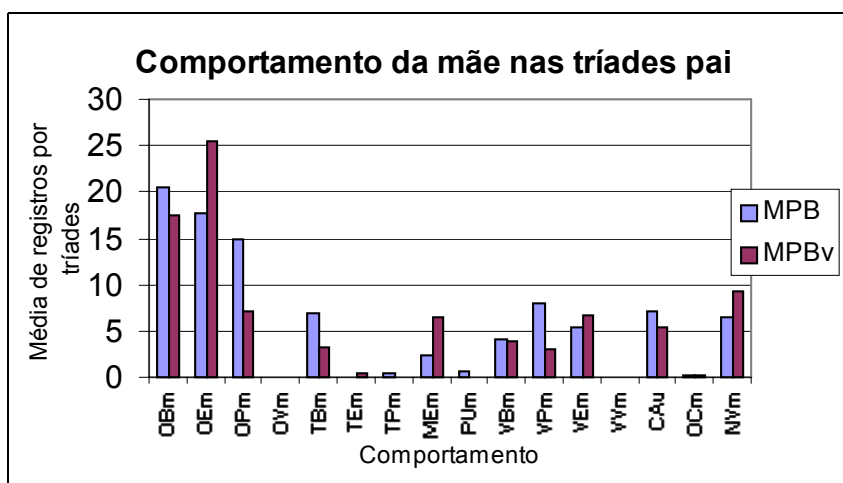


Figura 7. Comportamento das mães **nas tríades pai** medido pela média de registros por tríades. MPB=mãe-pai-bebê; MPBv=mãe-pai-bebê-outras visitantes; OBm=olhar bebê; OEm=olhar terceiros; OPm=olhar pai; TBm=tocar bebê; TEm=tocar estranhos; TPm=tocar pai; MEM=manusear objetos; PUM=puericultura; VBm=vocalizar olhando bebê; VPm=vocalizar olhando pai; VEm=vocalizar olhando terceiros; CAU=comportamentos auto dirigidos OCp=olhar câmera

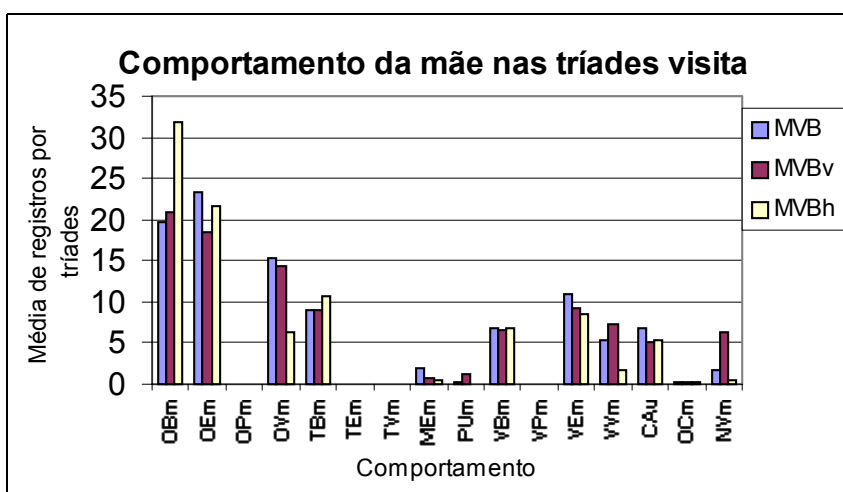


Figura 8. Comportamento das mães **nas tríades visita** medido pela média de registros por tríades. MVB=mãe-visita-bebê; MVBv=mãe-visita-bebê-outras visitantes; MVBh=mãe-visita masculina-bebê OBm=olhar bebê; OEm=olhar terceiros; OVm=olhar visita; TBm=tocar bebê; TEm=tocar estranhos; TVm=tocar visita; MEM=manusear objetos; PUM=puericultura; VBm=vocalizar olhando bebê; VVm=vocalizar olhando visita; VEm=vocalizar olhando terceiros; CAU=comportamentos auto-dirigidos OCv=olhar câmera

Olhar para terceiros (OEm)

Embora a comparação entre os comportamentos maternos não tenha apresentado significância estatística, a média do comportamento OEm superou a de OBm. Houve uma similaridade de resultados entre as categorias paternas e de visitas (média de 21 registros em ambas as tríades).

Olhar para a visita ou pai (OVm ou OPm)

Houve pouca diferença desse comportamento entre as tríades. O visitante masculino (MVBh) foi o que menos recebeu olhares da mãe, média de apenas 6 registros contra 15 das outras tríades visita. Na tríades paternas, registrou-se uma média de 11 ocorrências do comportamento de olhar para o pai.

Olhar para a câmera (OCm)

A frequência média com que a mãe olhou para a câmera foi baixa em todas as tríades (frequência média próxima a 0, como ilustram as figuras 7 e 8).

3.4.2 Tocar

Tocar o bebê (TBm)

A mãe tocou o bebê quase duas vezes mais na presença da visita (média de 9 registros) do que na presença do pai (média de 5 registros), sendo que diante do visitante masculino (MVBh) essa média aumentou ainda mais (média de 11 registros).

Tocar terceiros (TEm)

Houve apenas 1 registro desse comportamento na tríade MPBv. Nas outras tríades, esse comportamento não ocorreu.

3.4.3 Manusear objetos (MEm)

Esse comportamento foi mais frequente nas tríades paternas (média de 4 registros) do que nas tríades visita (média de 1 registro). Em geral, os objetos manuseados eram a carteira de vacinação, pertences do bebê, sacolas com alimentos ou roupas e bolsas.

3.4.4 Puericultura (PUm)

A mãe se envolveu muito raramente em atividades de puericultura em ambos os grupos, não havendo diferença significativa da frequência média desse comportamento entre ambos. A maior média de ocorrência foi nas tríades visita feminina com presença de mais de uma visita (média de 1 registro).

3.4.5 Vocalizar

Vocalizar olhando o bebê (VBm)

Esse comportamento teve uma média de registros maior nas tríades visita (média de 7 registros) do que nas tríades paternas (média de 4 registros).

Vocalizar olhando para estranhos (VEm)

Também foi mais frequente, em média, nas tríades visita (média de 9 registros) do que nas paternas (média de 6 registros).

Vocalizar olhando para a visita ou pai (VVm ou VPm)

Não houve diferença significativa entre as tríades, comparando-se a média geral de registros (média de 5 registros).

3.4.6 Comportamento autodirigido (CAU)

Não houve diferença na média geral de registros desse comportamento da mãe entre as tríades paterna e visita (frequência média de 6 registros em ambas as tríades).

Em suma, os resultados mostram que houve diferenças entre o comportamento do pai e de outros visitantes. O pai ficou visivelmente mais próximo da mãe sem apresentar contato físico com a mesma. A mãe amamentou com mais frequência

diante do pai do que diante da visita e olhou significativamente mais para o bebê diante da visita masculina, quando o pai não estava presente.

No período do pós-parto, o pai não apresentou contato físico significativo com o bebê, bem como comportamentos de tocá-lo, carregá-lo ou de puericultura.

O comportamento de olhar paterno apresentou as seguintes características que o diferenciou do olhar da visita: o pai priorizou olhar o bebê a olhar para qualquer outro sujeito naquela situação específica, apresentando uma tendência a olhar mais para bebês do sexo masculino; os pais olharam mais para terceiros do que as visitantes femininas o fizeram.

O pai interagiu mais com situações de organização do espaço (manuseando objetos da mãe e do bebê) do que a visita; o pai e a visita masculina tiveram comportamentos distintos, com exceção da vocalização, que foi escassa no repertório de ambos. A câmera filmadora não atraiu a atenção dos sujeitos analisados.

Os resultados parecem indicar que há uma diferença entre o comportamento paterno e o de qualquer outro visitante na situação do pós-parto. O comportamento que indicou uma interação paterna diferenciada com o bebê foi o olhar; o contato físico foi raro. As outras interações que caracterizaram a interação do pai com o bebê referiram-se a situações onde o pai interagiu mais com a mãe, assumindo uma postura mais silenciosa, porém denotando proteção à díade. As diferenças de comportamento entre o pai e a visita masculina sugerem que o papel paterno, no contexto da maternidade, está mais associado à construção de uma identidade paterna do que a uma estereotipia de papel de gênero. A situação do pós-parto na maternidade reflete a possibilidade de uma vinculação incipiente pai-bebê, que pode ou não ser desenvolvida, dependendo da permissividade materna e da rede de apoio social.

IV – Discussão

O tema da paternidade é considerado, no presente estudo, a partir de referências teóricas que, embora distintas, acredita-se que sejam complementares no auxílio à compreensão do mesmo: a etologia e a psicanálise. A discussão dos resultados encontrados nessa pesquisa serão analisados à luz dessas abordagens. Para isso, os comportamentos dos sujeitos (pai e visita) serão comparativamente examinados, na intenção de se depreender a existência de aspectos peculiares ao comportamento paterno nos momentos iniciais da vida do bebê.

Embora a importância da vinculação materna ao bebê na formação do apego tenha sido tão amplamente estudada e divulgada (Bolwby 1907/1997; Brazelton 1988, Brazelton & Cramer 1992; Spitz 1965/1996), sabe-se que o pai também ocupa um lugar significativo nos momentos iniciais da formação de vínculo com o bebê (Brazelton & Cramer 1992; Kennel & Klaus in Eyer 1992). Devido ao fato deste estudo ter sido realizado em uma enfermaria de uma maternidade pública, ambiente predominantemente feminino, não há como prescindir da análise do comportamento da mãe na análise da relação pai-bebê. Além disso, o período neonatal considerado nesse estudo exige uma proximidade física e psicológica entre a mãe e o bebê para se assegurar o bem estar do último. Dessa forma, o pai foi observado nesse contexto, buscando-se revelar como seria sua inserção numa nova configuração, que de diádica passou a ser examinada de forma triádica.

Os resultados apontaram diferenças comportamentais entre as tríades paterna e visita. O comportamento materno foi também analisado no que interessava ao presente estudo por ser considerado modulador dos comportamentos dos sujeitos do grupo de controle e experimental, na medida em que, se as mães são mais permissivas, a chance de interação dos pais com os filhos também aumenta

(Snowdon & Suomi 1982).

4.1 A distância

Comparando-se às visitas, em geral os pais permaneceram numa posição mais próxima à mãe em todas as situações analisadas, especialmente naquelas onde não havia presença de outros visitantes. Considerando que a presença e o apoio paterno ajudam a mãe a desenvolver sua função materna (Brazelton & Cramer 1992) e que, no período pós-parto, o pai deve fazer uso de sua capacidade de proteção da díade mãe-bebê do ponto de vista emocional (Colucci 1997), supõe-se que essa proximidade física do pai seja representativa, também, de cuidado físico à díade, corroborando o postulado etológico de que o pai tem a importante função de proteger a díade mãe-filho de qualquer interferência externa que ameace a integridade da dupla e, conseqüentemente, do filho (Snowdon & Suomi 1982). Podemos assim pensar que, ao longo da evolução da sociabilidade humana, qualquer macho que tivesse uma tendência a permanecer próximo à fêmea com seu bebê logo após o nascimento, aumentaria significativamente as chances de sobrevivência dessa sua prole, contribuindo, portanto, para sua aptidão inclusiva.

A visita masculina se destacou por ficar a mais de 30 cm. da mãe em quase todos os intervalos, o que pode ser analisado de duas formas: primeiro, como dito acima, é importante considerar que a enfermaria da maternidade é um local que condensa um número grande de mulheres em condição de pós-parto sujeitas a uma exposição física condizente com seu estado fisiológico (amamentação, sangramento, desconforto etc), o que acaba por fazer daquele lugar um ambiente caracteristicamente feminino. Homens que freqüentam aquele ambiente e que não têm um laço de intimidade com as mães (como os maridos ou pais do bebês) podem sentir-se receosos em aproximar-se das mães. Em segundo lugar, o comportamento

paterno está ligado ao conceito de territorialidade. O pai deve defender um espaço delimitado para proteção de recursos e prole (Soczka 1994), e a presença de um outro indivíduo masculino adulto não é bem vinda naquele espaço. A visita masculina ficaria, então, intimidada e se posicionaria de forma mais distante.

4.2 A posição do bebê e da mãe

Posição do bebê: bebê no colo da mãe / bebê no colo do sujeito / bebê mamando

Esperava-se que a mãe carregasse o bebê por mais tempo na presença de visitantes do que na presença do pai, já que isso denotaria uma proteção maior do mesmo diante de elementos que não fossem o pai, e isso não ocorreu. Além do mais, as visitas femininas permaneceram mais tempo com o bebê no colo do que o pai. Uma provável explicação é que, embora não tenha sido feita uma análise por tríade, dentre as dezesseis tríades visita, doze sujeitos analisados eram parentes em primeiro grau da mãe (mãe, pai, irmã ou irmão). Ou seja, esses parentes não representariam ameaça ao bebê. Ao contrário, fazia parte do investimento parental materno incluir outros parentes no cuidado ao bebê, ampliando os laços sociais dentro do grupo e, por conseqüência, melhorando as chances de sobrevivência do mesmo (Costa & Cromberg 1998). Uma análise mais específica, que determinasse diante de qual tipo de visitante, considerando seu grau de parentesco, a mãe permanece por mais tempo com o bebê no colo, seria interessante para testar essa hipótese.

A amostra desta pesquisa manteve-se equilibrada em relação à experiência prévia dos pais com filhos: dos dezenove pais analisados nas tríades paternas, nove já tinham outros filhos e dez eram pais pela primeira vez. Snowdon & Suomi (1982) defendem que a experiência anterior com filhotes é importante para o desenvolvimento de competências parentais e que a permissividade da mãe é fundamental para a interação dos pais com os filhotes. Entretanto, no resultado geral

desse estudo, os pais carregaram os bebês por menos tempo do que as visitas o fizeram e as mães carregaram mais os bebês diante dos pais do que diante das visitas. Ou seja, nesses momentos iniciais da vida do bebê, a experiência anterior com outros filhos parece não ter sido suficiente para animar os pais a carregarem os seus filhos nem encorajar as mães a permitir que os pais o fizessem. Talvez isso ocorra mais tarde; um acompanhamento longitudinal ou um estudo transversal, pesquisando pais de bebês mais velhos, poderia esclarecer esta dúvida.

Um outro dado interessante registrado foi a maior frequência do comportamento de amamentar diante do pai do que diante da visita. Se além de nutrir, a amamentação também tem a função de promover uma vinculação afetiva entre mãe e bebê, favorecendo o apego no pós-parto (Klauss & Kennel 1993), a presença paterna pode estar reforçando esta ligação, fazendo uso do comportamento paterno complementar de proteção da fêmea e da prole (Snowdon & Suomi 1982). A presença paterna parece facilitar a amamentação. Esse comportamento representa uma das funções psicológicas do pai no período pós-parto, que é proteger a unidade mãe-bebê para que se instale a “preocupação materna primária”; a presença paterna é percebida como reconfortante, possibilitando à mãe atender tranquilamente às demandas do recém nascido (Colucci 1997). Além disso, é possível que o comportamento de amamentar seja uma espécie de exibição das qualidades de provedora da mãe, por isso a incidência maior desse comportamento diante do pai.

Posição da mãe: em pé, sentada, deitada

Esperava-se que as mães se posicionassem mais tempo deitadas diante da visita paterna do que diante de outras visitas, já que poderiam sentir-se mais à vontade, compartilhando das responsabilidades com os pais dos bebês. No geral, isso não ocorreu, pois ela se posicionou sentada diante do pai e da visita similarmente na

maior parte do tempo. Talvez a posição deitada não seja a melhor no período pós-parto. Constatou-se que a maioria das mães observadas apresentou pouco desconforto físico, já que haviam se submetido ao parto natural e não à cesariana; assim, a posição sentada prevalente era adequada à hora de visita. É importante ressaltar que as enfermeiras e fonoaudiólogas da maternidade constantemente orientavam e monitoravam a amamentação, que era incentivada naquela instituição, e a posição mais comum para que ela acontecesse era a posição sentada. Especificamente nas tríades onde havia somente a presença do sujeito observado (pai ou visitante feminino), a mãe se manteve em pé, mais ativa diante do pai do que diante da visita. Mais tríades deveriam ser observadas para se verificar se essa diferença está associada a uma maior interação do casal ou se ocorreu aleatoriamente.

4.3 Comportamentos do pai e da visita

4.3.1 Olhar

Olhar direcionado ao bebê

O olhar é um comportamento representativo de uma comunicação cujas variâncias aparentes são sutis, porém de grande significado. Após a análise geral das filmagens, julgou-se importante avaliar mais pormenorizadamente esse comportamento. Embora a média geral de registros do comportamento de olhar o bebê tenha sido semelhante entre os pais e os visitantes, a observadora percebeu algo que se diferenciava na qualidade do olhar. O olhar paterno parecia mais “investigativo” e “minucioso” do que o dos visitantes. Houve uma tendência geral, estatisticamente não significativa, dos pais olharem mais do que as visitas para os bebês, especialmente nas tríades sem a presença de outros visitantes. Como a visão é

um dos canais de comunicação importantes para as interações sociais e pode ser utilizada também para o reconhecimento de parentesco (Goodenough et al.1993), os pais tendem a olhar mais para os filhos do que outros indivíduos; assim, supõe-se que uma amostra maior de sujeitos comprovaria a significância deste comportamento.

Embora pais e visitas tenham olhado significativamente mais para bebês do que para terceiros ou para as mães, a média de frequência do comportamento OB entre os pais também superou a média das visitas. Esta tendência indica que uma intenção de interação com o bebê se apresenta mais fortemente entre os pais do que entre as visitas, e tem um valor adaptativo neste momento de comunicação precoce, já que resulta na formação de vínculo social e está relacionado ao desenvolvimento do apego (Brazelton 1988).

Brazelton e Cramer (1992) consideram que o desejo narcisista de ser completo e onipotente produzindo e se identificando com o próprio filho é universal, bem como o desejo de reproduzir, espelhando sua própria imagem; seria esta uma das razões pelas quais os homens universalmente expressam o desejo de ter filhos homens. Segundo os autores, o desejo de reproduzir o próprio sexo é mais forte no homem do que na mulher pois os pais necessitam assegurar a continuidade de sua linhagem. Isso pode justificar o fato dos pais terem olhado significativamente mais para bebês do sexo masculino do que para bebês do sexo feminino. Também a identificação psicológica do pai com o filho do mesmo sexo, reconhecendo neste traços de si próprio (This 1987), provocaria uma maior curiosidade e instigaria mais o pai a buscar elementos de semelhança entre o filho e ele próprio. Um outro dado a ser considerado é que, embora nossa cultura tenha passado por algumas transformações que permitiram à mulher ocupar um lugar mais atuante nas esferas do poder público, a sociedade ainda relaciona o indivíduo masculino à força, virilidade e poder, em

detrimento do feminino, que é associado à fragilidade (Korin 1998). Uma entrevista qualitativa com pais de meninos e meninas recém-nascidos poderia esclarecer se o olhar diferenciado do pai para os bebês do sexo masculino está associado a uma maior valorização do gênero masculino.

Como o olhar é um canal de comunicação importante para a espécie humana, seria importante que um outro estudo procurasse analisar especificamente a interação pai-bebê através da comunicação visual, com a possibilidade de se captar a responsividade de um ao olhar do outro, talvez através de medidas autonômicas ou miográficas.

Olhar direcionado a terceiros

A visita masculina superou todos os outros visitantes, incluindo o pai, no número de registros desse comportamento, o que é compreensível, levando-se em conta que à visita masculina não resta outro comportamento senão olhar, já que sua capacidade de interação está limitada pelo contexto feminino do ambiente, que não reserva espaço para outro indivíduo masculino adulto que não o pai. Portanto, a frequência desse comportamento está associada à distância da visita masculina (DRM 30) analisada acima e se justifica pelos mesmos fatores ecológicos.

Kompinsky (2000) relata que, em entrevista aos pais, posterior à realização de sua pesquisa de observação com recém-nascidos em maternidade, constatou que esses haviam se comportado de forma bastante “desconfiada”, em especial o pai, porque temiam que o bebê pudesse ser “roubado”. Uma amostra maior de tríades poderia confirmar se a tendência dos pais a olhar mais para terceiros do que as visitas femininas o fizeram é significativa. Acredita-se que sim, já que o comportamento paterno está associado à defesa de um espaço delimitado, visando abrigar a prole e a fêmea (Goodenough et al.1993; Snowdon & Suomi 1982). O comportamento de

olhar para terceiros seria uma forma de defesa de território, intimidando a aproximação de intrusos.

Olhar direcionado à mãe

Considerando seu papel de protetor da díade tanto sob o aspecto psicológico quanto físico, esperava-se que o pai olhasse mais para a mãe do que as visitas femininas o fizeram. O resultado contrário pode ter se dado pelo fato do pai ter priorizado olhar mais para o bebê do que para todos os outros sujeitos analisados, inclusive a mãe. Já as visitantes sem a presença de outros visitantes (MVB) interagiram visualmente mais com a mãe do que com o bebê, diferentemente dos pais que, na mesma condição (MPB), olharam mais para o bebê. É possível que, dando uma maior atenção à mãe, as visitas estavam promovendo um apoio que poderia se estender para uma ajuda no cuidado futuro dos bebês, fora da maternidade.

Olhar direcionado à câmera

Além deste comportamento ter tido uma média de registros baixa entre os sujeitos analisados de todas as tríades, em algumas etapas da filmagem os sujeitos se deslocavam interagindo entre si, postando-se diante da câmera, de tal forma a invalidar o uso daquela filmagem para coleta de dados, o que confirma a suposição de que este instrumento não foi uma variável que significativamente modulasse o comportamento dos sujeitos.

4.3.2 Tocar

Tocar o bebê

Assim como a visita ficava com o bebê no colo por mais tempo do que o pai, é coerente o resultado dos pais também tocarem menos o bebê do que as visitas. O

contato físico dos pais com os bebês foi menor do que o contato destes com as visitas femininas, o que se justifica pela maior experiência prévia das mulheres no cuidado com os bebês. Entretanto, eles tocaram os bebês mais vezes na presença de outros visitantes (MPBv) do que quando estavam a sós com a mãe (MPB). Levandowsky e Piocinini (2002) afirmam que o apoio social influi no comportamento parental, da mesma forma que o estresse parental afeta a interação de qualidade entre pai e bebê. É provável que, na presença de outras visitas, os pais tenham se sentido mais apoiados pela rede social que se formou durante a visitação ou, por outro lado, pressionados a se aproximar do bebê por uma questão de preservação da reputação. O fato de, na situação MPBv, a mãe estar dispersando sua atenção a outras pessoas pode também ter levado o pai a encontrar espaço para se aproximar mais do bebê; afinal, sabe-se que a permissividade materna é um dos fatores reguladores da acessibilidade do pai ao filhote (Snowdon & Suomi 1982).

Tocar terceiros e tocar a mãe

Embora se esperasse que a mãe fosse mais tocada pelo pai do que por qualquer outro visitante em decorrência da maior intimidade física que comporia a relação de ambos, a baixa frequência desse comportamento e do comportamento de tocar terceiros (TE) pode ser atribuída ao contexto da visitação, na qual o principal alvo de atenção era o bebê, estando este mais susceptível a ser tocado, olhado e carregado, considerando-se sua situação de desproteção e de demanda de cuidados.

4.3.3 Manusear objetos ao redor

No geral, a maior parte dos procedimentos realizados ao manusear objetos eram relativos à organização do espaço, como guardar documentos, jogar fora caixas vazias, retirar ou guardar objetos em bolsas ou sacolas, manusear os pertences do

bebê etc. O pai executou esse tipo de tarefa com mais frequência do que as visitas, já que isso indica zelo para com a díade mãe-bebê no momento posterior imediato ao parto.

4.3.4 Puericultura

Esperava-se que as visitas femininas executassem com mais frequência esse tipo de comportamento do que o pai, já que isso indicaria que, como ajudantes cuidadoras, elas estariam auxiliando na proteção à prole e poupando a mãe de mais gastos de energia (Snowdon & Suomi 1982). Entretanto, ele foi quase ausente em ambas as tríades. A explicação possível é de que, como as filmagens foram feitas durante o horário de visitas, nessa situação está implícita uma “apresentação social” do bebê tanto ao pai quanto a outros visitantes, visando um incremento das interações sociais entre estes e o bebê. Provavelmente, os bebês já tinham sido “arrumados” para aquele momento, prescindindo de cuidados extras durante o horário. Provavelmente, cuidados de puericultura sejam mais frequentes num contexto doméstico, já que os profissionais do hospital auxiliam nesse tipo de cuidado.

A) Vocalizar

Confirmando o que já é de senso comum, as mulheres em todas as tríades vocalizaram mais do que os homens em todas as circunstâncias (VB, VM e VE). Entretanto, esperava-se que o comportamento de vocalização direcionado ao bebê fosse mais expressivo no pai. Como o pai vocalizou para o bebê mais vezes quando estava sozinho do que quando estava acompanhado de outros visitantes, ficam as questões: estaria o pai intimidado a vocalizar para o bebê diante de outras pessoas, já que esse comportamento não se adequa ao padrão masculino estereotipado de

comportamento, que não prevê expressões de afeto provindas do pai (Korin 2001)? Ou, por outro lado, o pai não utiliza a vocalização como a mãe o faz na comunicação com seu bebê? E, ainda, pai e visita vocalizaram menos para o bebê devido ao fato da presença de outras pessoas exigirem outros focos de atenção dos mesmos? Se há evidências de que o pai pode interagir com o bebê de acordo com os sinais que este emite já que tem a capacidade de ajustar-se ao ritmo e comportamento do mesmo (Busnel 1997), provavelmente um outro estudo, objetivando estritamente a comunicação através da vocalização pai-bebê, ajudaria a estabelecer se há uma comunicação na díade pai-bebê correlata ao estilo comunicacional mãe-bebê já investigado por psicolingüistas (Laznik 2000).

4.4 Comportamentos da mãe

No geral, os comportamentos maternos registrados não apresentaram diferenças significativas que permitam supor um comportamento diferenciado em relação ao bebê diante do pai ou diante da visita, com exceção dos já comentados: amamentar (MAM) e carregar o bebê (CLM). Entretanto, cabem algumas análises.

4.4.1 Olhar

Olhar o bebê

A mãe dirigiu o olhar para o bebê mais vezes diante da visita masculina (MVB) do que diante de todos os sujeitos em todos os tipo de tríades. Como as tríades de visitas masculinas necessariamente excluíam a presença do pai, presume-se que a ausência deste como elemento protetor da díade mãe-bebê possa ter exacerbado, na mãe, um comportamento parental de proteção a seu bebê, expresso através do olhar. O fato de o indivíduo masculino ser atípico naquele tipo de ambiente pode ter desencadeado esse tipo de defesa materna. Entretanto, há que se considerar que uma

maior amostra de visitantes masculinos permitiriam uma verificação desta hipótese.

Olhar para terceiros / para a visita / para o pai

Como o apoio emocional paterno contribui para a melhor adaptação da mulher ao parto e permite a esta reconhecer as necessidades do bebê (Brazelton & Cramer,1992) – ou seja, ele é um comportamento adaptativo por maximizar as chances de sobrevivência da prole –, esperava-se que o olhar dirigido ao pai fosse mais freqüente do que o olhar dirigido à visita, já que isso suporia uma cumplicidade entre pai e mãe. Entretanto, isto não ocorreu; ao contrário, nas tríades MPBv a média de olhares dirigidas ao pai foi ainda menor, sendo inferior à média de olhares dirigidos a terceiros (OE). A provável explicação é que a mãe pode ter priorizado dar mais atenção aos visitantes por ser de interesse dela e do pai garantir um apoio extensivo de ajudantes cuidadores à sua prole.

4.4.2 Tocar

Como o sinal tátil é um recurso de comunicação que pode transmitir tanto mensagens simples quanto complexas (Goodenough et al.1993), o toque também pode representar uma gama de situações variadas no contexto em que esta pesquisa foi realizada, que variam de um gesto de carinho que favorece o apego ao bebê até uma tentativa de aproximação e interação com os visitantes ou com os pais. Um estudo mais específico do comportamento materno indicaria seus vários significados. Como este não é o objetivo do presente trabalho, ficam os registros dos dados resultantes para possíveis aprofundamentos.

4.4.3 Comportamentos autodirigidos

Havia uma expectativa de que a mãe realizasse mais comportamentos auto-

dirigidos na presença do pai por denotarem cuidado com ela própria, tanto no sentido de promover seu bem estar quanto no sentido de mostrar-se mais atrativa para o pai da criança. Entretanto, a frequência média desse comportamento foi baixa tanto nas tríades paternas quanto nas tríades visita. Supõe-se que isso não tenha ocorrido porque, no período do pós-parto, um ritual de sedução é desnecessário. Nessa situação, para que a mãe possa garantir maior provisão de recursos para seus filhotes, bem como toda uma extensão de cuidados paternos, o mais importante é que ela permita ao pai aproximar-se do filho, para que crie com ele laços de apego.

V – Discussão Geral

A realização deste trabalho visou primordialmente considerar o pai como elemento essencial na formação física e psicológica do indivíduo, bem como ressaltar a importância de sua função desde os momentos iniciais da vida do bebê. Como não há um registro validado pela cultura que contemple o lado afetivo da participação paterna na vida do bebê recém-nascido, procurou-se analisar em que medida isso ocorre, se por uma condição natural da forma de interação do pai nas primeiras horas de vida do bebê, ou se por uma contingência social que não oferece condições de interação para o mesmo.

Múzio (1998) relembra que, do pai que exerce uma paternidade próxima, terna, empática, diz-se que “é uma mãe para os seus filhos”, não existindo uma referência correlata à mãe que autentique a vinculação afetiva do pai ao filho. Este estudo confirmou a possibilidade de se construir laços entre pai-bebê desde que viabilizados por condições de apoio social e permissividade materna para que o pai se insira na relação diádica transformando-a em triádica.

Como se esperava, a participação paterna no contexto de uma enfermaria de mães e recém-nascidos reforçou o aspecto protetor e cuidador paterno, denominado por Snowdon & Suomi (1982) como cuidado paterno complementar, ao mesmo tempo em que se vincula a afirmação de Winnicott (2000) de que a mãe necessita se inserir em uma condição de sensibilidade exacerbada logo ao final da gestação e nas primeiras semanas de vida do bebê, para dedicar ao bebê os cuidados que ele demanda (preocupação materna primária). Sem um suporte paterno que proteja a mãe em suas necessidades especiais, tanto do ponto de vista psicológico quanto físico, a busca desta unidade harmônica poderá ficar ameaçada e provocar danos difíceis de se reparar ao longo do desenvolvimento infantil.

Os dados resultantes da pesquisa não puderam ser totalmente analisados diante da limitação dos objetivos deste trabalho. Entretanto, são importantes novas investigações que particularizem a relação pai-bebê verticalizada sobre outros contextos que não somente a maternidade. Estudos de acompanhamento longitudinal sobre a formação de vínculo entre o pai-bebê em situação naturalística poderiam enriquecer este tema. Lançando mão de material com tecnologia apropriada, pesquisas experimentais também podem responder se há algum nível de comunicação precoce entre pai-bebê similar à comunicação mãe-bebê. Acredita-se ser este ainda um vasto campo a ser explorado no sentido de se delimitar quais comportamentos paternos humanos evoluíram no sentido de viabilizar um melhor cuidado ao bebê.

Do ponto de vista psicológico, o que diferencia a colaboração paterna da de outros colaboradores, como parentes e amigos, é o aspecto subjetivo que ela comporta. Quando o bebê se filia, se inscreve filho do pai e da mãe, ele abre espaço também para se afiliar. Há uma estreita relação entre filiação e afiliação, pois inscrever-se filho do pai e da mãe permite à criança afiliar-se ao seu grupo familiar e também possibilita encontrar seu lugar familiar “na diacronia e na história do grupo”⁴ (Golse 2003). Assim, se o pai, num primeiro momento, no pós-parto, assume uma posição continente acolhendo a díade, a unidade mãe-bebê, num segundo momento, ele deverá abrir caminho para atuar como interditor dessa fusão, cumprindo a função de apresentar o mundo da cultura ao filho.

Snowdon & Suomi (1982) informam que, entre os humanos, a certeza parental influencia no cuidado paterno mais do que entre os outros primatas. Uma comprovação disso, inserida em nossa realidade cultural, são as leis sobre

⁴ Diacronia: caráter dos fenômenos lingüísticos, sociais, culturais observados quanto à sua evolução no tempo

paternidade, que definem como pai aquele indivíduo que transmite sua carga genética ao filho (Câmara do Deputados, 2002). O exame de DNA, contraditoriamente, ao mesmo tempo em que nomeia o pai pela força da lei, desconsidera vinculações afetivas que ajudam a compor a relação paterno-filial.

É importante frisar que não se trata de pessoas ocupando funções relativas ao gênero, ou seja, não necessariamente o genitor é o único ocupante do lugar de pai, mas qualquer indivíduo habilitado na relação com a criança e referendado por ela pode estar ocupando a função paterna, inclusive a mãe (Aberasturi, 1985). Hoje, no mundo, grande parte das famílias é monoparental, um terço delas não contando com a presença física do pai (Giffin, 1998). Entretanto, que não se avalie esse quadro de forma superficial, inferindo que a presença paterna é prescindível. O acúmulo das funções psicológicas paterna e materna, tanto pelo pai quanto pela mãe, causa uma sobrecarga que interfere negativamente na interação dos pais com os filhos.

Resgatar a importância do papel do pai através de um trabalho científico não é tarefa fácil, considerando a escassez de modelos teóricos que o referenciem. Segundo Soczka (1994), a etologia permite, diante de uma carência epistemológica, o casamento entre o método (observação naturalista), objeto (comportamento animal) e pano de fundo teórico. A realização deste trabalho só foi possível lançando mão do método de observação naturalística referendado pela etologia e suas influências teóricas darwinistas. Procurou-se respeitar o contexto ecológico onde o comportamento paterno estava inserido para que se pudesse captar, o mais fielmente possível, o comportamento dos sujeitos em seu ambiente natural. As referências teóricas psicanalíticas, familiares à experiência clínica da observadora, dialogaram harmonicamente com os fundamentos da etologia, o que contribuiu para o enriquecimento do percurso desse estudo.

Depreendeu-se desta observação a impressão de que é preciso não só

reconsiderar o lugar da pai no aspecto subjetivo, mas viabilizar a troca de informação entre as instituições científicas e os serviços públicos e privados que lidam com a família, incitando a uma reflexão crítica e mudança nas práticas que reforçam a supervalorização da autonomia materna em detrimento do pai na formação de vínculo com o filho. É preciso tanto viabilizar mais informação aos profissionais cuidadores acerca da importância do papel paterno, quanto reservar espaços físicos que acolham o pai nas maternidades.

Diante da dificuldade em concluir este trabalho, solicitei de quatro pais que me ajudassem a definir o seu papel. Eis os depoimentos:

“Pai é segurança, é ser alguém para ser admirado ... é ser o herói do filho... é brincar.. é demonstrar limite...” ;

“Pai é apoio, conforto, segurança... o pai se orgulha de poder dar isto para o filho, se sente bem em fazer...”

“Ser pai é conduzir a vida de alguém ... é muita responsabilidade pois você dirige a vida da pessoa como você quer... Só se aprende a ser pai sendo pai...”

“Ser pai é segurança, proteção, ensinamento, experiência... Se eu não tenho referência de pai, como vou ser pai de alguém?...”

Proteção, referência e limite: deste ciclo de evolução no qual o pai aprende seu ofício com o filho que, por sua vez, aprende a ser pai sendo cuidado, surge a herança ancestral que baliza a construção da cultura e norteia a vida do sujeito homem. Nos momentos mais precoces do desenvolvimento do filho, o pai não está à margem; ao contrário, atua como a margem da construção de sua história, permitindo ao filho se acomodar ao leito da relação materna para que, futuramente, possa seguir seu curso com autonomia.

Referências Bibliográficas

- ABERASTURI, Arminda – **A paternidade, um enfoque psicanalítico** – Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- ADES, Cesar – **Psicoetologia do Cuidado Paterno – Comportamento Materno em Mamíferos : bases teóricas e aplicações aos ruminantes domésticos**, p.31-51 – São Paulo: Sociedade Brasileira de Etologia, 1998.
- AZEVEDO, Giselda psicanalista – gravação em CD da **Jornada de Psicanálise e Direito** – São Paulo : 24/05/2003
- BARBOSA, Águida Arruda mediadora familiar – gravação em CD da **Jornada de Psicanálise e Direito** – São Paulo : 24/05/2003
- BOERE, Vanner – **O Cuidado com a Prole em Sagüis Comuns (Callithrix jacchus): Uma Abordagem Funcional** – Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1994.
- BOWLBY, John – **Uma Base Segura. Aplicações Clínicas da Teoria do Apego** . p. 17-32, capítulo 1 . Porto Alegre : Artes Médicas, 1996
- BOWLBY, John – **Formação e Rompimento dos Laços Afetivos** – trad. Álvaro Cabral 3ª edição – São Paulo: Martins Fontes (1907) , 1997.
- BRAZELTON, T. Berry – **O Desenvolvimento do Apego** – trad: Dayse Batista – Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BRAZELTON, T. Berry & CRAMER, Bertrand G. – **As Primeiras Relações**- trad. Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRÉDART, Serge & FRENCH, Robert M. – **Do babies resemble their fathers more than their mothers? A failure to replicate Christenfeld & Hill (1995)** – **Evolution and Human Behavior** , 20(3), 129-135 (1999) Department of Psychology- University of Liege – Liege – Belgium

- BURDON, Barry –Envolvendo o Homem na Vida Familiar: Se eles podem fazê-lo, Por Que Não o Fazem?- **Exercício de Paternidade**/Paulo Silveira (org) Porto Alegre: Artes Médica, 1998. p.81-90
- BUSNEL,Marie Claire – **A Linguagem dos Bebês** – São Paulo: Escuta, 1997.
- BUSSAB, Vera Silvia Raad Bussab – Uma Abordagem Psicoetológica do Comportamento Materno – **Comportamento Materno em Mamíferos : bases teóricas e aplicações aos ruminantes domésticos**, p.17-29 – São Paulo: Sociedade Brasileira de Etologia, 1998.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS – **Novo Código Civil** – Brasília: Câmara dos Deputados, 2002.
- CASTRO, Ismênio Pereira de – A Relação dos Filhos Menores com os Pais Após a Ruptura da Tradicional Convivência Familiar : Uma Ótica Sócio Jurídica- **Exercício de Paternidade**/Paulo Silveira (org) Porto Alegre: Artes Médica, 1998. p.217-223
- COLUCCI, Alfredo Menotti – Observações da Relação Mãe/Bebê/Pai no Perinatal- **Decifrando a Linguagem dos Bebês – Anais do Segundo Encontro Brasileiro para Estudo do Psiquismo Pré e Perinatal** – São Paulo: Associação Brasileira para o Estudo do Psiquismo Pré e Perinatal (ABREP), 1997, p.93-98.
- CORIAT, Elsa - Os Flamantes Bebês e a Velha Psicanálise – **Estilos da Clínica Revista Sobre a Infância com Problemas** Vol.5 nº 8 – São Paulo: USP Instituto de Psicologia, 1º sem./ 2000.
- COSTA,Mateus.J.R.Paranhos da & CROMBERG, Valter U. – **Comportamento Materno em Mamíferos: bases teóricas e aplicações aos ruminantes domésticos** – São Paulo: Sociedade Brasileira de Etologia, 1998.
- DARWIN, Charles – **A Origem das Espécies** – trad.Eduardo Fonseca – São Paulo: Hemus, (n.d)

- DAVIS, Madeleine & WALLBRIDGE, David – **Limite e Espaço: Uma Introdução à Obra de D.W.Winnicott** - Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- DAWKINS, Marion –Stamp – **Explicando o Comportamento Animal** – São Paulo: Manole, 1989.
- DIAS, Maria Berenice desemb. – gravação em CD da **Jornada de Psicanálise e Direito** – São Paulo : 24/05/2003
- EYER, Diane E – **Mother Infant Bonding – A Scientific Fiction.** – New Haven & London: Yale University Press, 1992.
- FORBES, Jorge psicanalista – gravação em CD da **Jornada de Psicanálise e Direito** – São Paulo : 24/05/2003
- FREUD, Sigmund – O Interesse Científico da Psicanálise – **Totem e Tabú (1913[1912-1913]) - vol. XVIII da Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** – Rio de Janeiro : Imago ,1974.
- FRIOLI, Paula Maria de Almeida – Etologia Humana – **Anais de Etologia** – 1997,15: p.275 – 282
- GIFFIN, Karen – Exercício da Paternidade: Uma Pequena Revolução - **Exercício de Paternidade**/Paulo Silveira (org) Porto Alegre: Artes Médica, 1998. p.75-80
- GIOVANETTI, Márcio de Freitas psicanalista – gravação em CD da **Jornada de Psicanálise e Direito** – São Paulo : 24/05/2003
- GOLSE, Bernard – **Sobre a Psicoterapia Pais-Bebê : Narratividade, Filiação e Transmissão** – trad.Inês Catão . São Paulo: Casa do Psicólogo,2003.
- GOODENOUGH, Judith.P & MC GUIRE, Betty & WALLACE, Robert – **Perspectives on Animal Behaviour.** New York: John Wisleys Sons, 1993.
- KIER, Cheryl & LEWIS, Charlie & HAY, Dennis – Maternal Accounts of the Costs and Benefits of Life Experiences After Parental Separation. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** , vol16 n°3 p.191-202,set-dez 2000.

- KLAUSS, M & KENNEL, J.H.- **Pais/Bebê: A Formação do Apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- KOMPINSKI, Eneida – Observação de Bebês: Método e Sentimentos do Observador – **Relação Pais-Bebê – da Observação a Clínica** – org.Nara Amália Caron . São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000 p.9-43
- KORIN, Daniel – Novas Perspectivas de Gênero em Saúde. **Adolescência Latinoamericana**, 2 (2), p.67-79, 2001.
- LAZNIK , Marie-Christine – A Voz como Primeiro Objeto da Pulsão Oral -. **Estilos da Clínica Revista Sobre a Infância com Problemas** Vol.5 nº 8 – São Paulo: USP Instituto de Psicologia, 1º sem./ 2000.
- LEJDERMAN, Anette Teitelbaum & KOMPINSKY, Eneida – Caráter Preventivo da Aplicação da Observação Mãe-Bebê em uma creche - **Relação Pais-Bebê – da Observação a Clínica** – org.Nara Amália Caron . São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000 p.268-290
- LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro & PIOCININI, César Augusto – A Interação Pai-Bebê entre Pais Adolescentes e Adultos - **Psicologia: Reflexão e Crítica** , Universidade Federal do Rio Grande do Sul 2002, 15(2) pp.413-424
- LEWIS,Charles (Universidade de Lancaster) & DESSEN, Maria Auxiliadora (Universidade de Brasília) – O Pai no Contexto Familiar – **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol.15 nº 1 p. 09-16, jan-abr 1999.
- LORENZ, Konrad – **A Demolição do Homem** – São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LOEWENSTEIN, Irene & BARKER, Gary – De Onde Vem o Bom Pai? Reflexões a Partir de Uma Pesquisa Qualitativa com Adolescentes.- **Exercício de Paternidade**/Paulo Silveira (org) Porto Alegre: Artes Médica, 1998. p.151-163
- MARTEL, M.A.Izaguirre – Funcion Paterna e Desarrollo del Niño – **Revista Niños**, vol XXVI nº73, jul-dez, 1991.

- MARTIN, Paul & BATESON Patrick – **Measuring Behaviour – An Introductory Guide** – Cambridge: Cambridge University Press, 1988
- MINAYO, Maria Cecília de Souza – Exercício da paternidade: Síntese entre Tradição e a Inovação -**Exercício de Paternidade**/Paulo Silveira (org) Porto Alegre: Artes Médica, 1998. p.11-17 (prefácio)
- MONTGOMERY, Malcon – **Exercício de Paternidade**/Paulo Silveira (org) Porto Alegre: Artes Médica, 1998. p.113-118
- MUZA, Gilson Maestrini – Da Proteção Generosa a Vítima do Vazio - **Exercício de Paternidade**/Paulo Silveira (org) Porto Alegre: Artes Médica, 1998.p. 143-150
- MUZIO, Patrícia Arés – Paternidade (Ser Pai) ... Para Que Serve?- **Exercício de Paternidade**/Paulo Silveira (org) Porto Alegre: Artes Médica, 1998.p.165-182
- NOSEK, Leopold psicanalista – gravação em CD da **Jornada de Psicanálise e Direito** – São Paulo : 24/05/2003
- OLIVEIRA, Euclides de Oliveira advog. – gravação em CD da **Jornada de Psicanálise e Direito** – São Paulo : 24/05/2003
- PAPALIA, Diane E. & OLDS, Sally Wenkos – **Desenvolvimento Humano**. 7ª edição – trad. Daniel Bueno- Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PEREIRA, Rodrigo Cunha adv. – gravação em CD da **Jornada de Psicanálise e Direito** – São Paulo : 24/05/2003
- PESSOA, Fernando – **Obra Poética** – Rio de Janeiro: Nova Agrular, 1983.
- ROUDINESCO, Elizabeth & PLON, Michel – **Dicionário de Psicanálise** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SCHAFFA, Sandra psicanalista – gravação em CD da **Jornada de Psicanálise e Direito** – São Paulo : 24/05/2003
- SILVEIRA, Paulo – O exercício da Paternidade - **Exercício de Paternidade**/Paulo Silveira (org) – Porto Alegre: Artes Médica, 1998.p.27-39

- SNOWDON, Charles T. & SUOMI, Stephen J. – **Paternal Behavior in Primates** – Wisconsin: Department of Psychology , University of Wisconsin, WI 53706,1982 – pag. 63-108
- SOCZKA, Luis – **Ensaio de Etologia Social** – Lisboa: Fim de Século, 1994.
- SPITZ, René A – **O Primeiro Ano de Vida-** São Paulo: Martins Fontes, 7ª edição, 1996 [1965] .
- THIS, Bernard – **Pai: O Ato do Nascimento** – Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- TRIVERS, R.L. – Parental Investment and Sexual Selection in B.Campbell (Ed.), **Sexual Selection and the Descent of Man 1871-1971**. Chicago : Aldline,1972, pp.136-179.
- VASCONCELOS, Vera M.R. – Desenvolvimento Humano, Psicologia e Cultura- **Exercício de Paternidade**/Paulo Silveira (org) Porto Alegre: Artes Médica, 1998.
- VILETE, Edna – “A Criança que Fui Chora na Estrada” Sobre a Origem do Distúrbios do Self - **Relação Pais-Bebê – da Observação a Clínica** – org.Nara Amália Caron . São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p.291-309
- WILHEIM, Joanna – Psiquismo Pré e Peri-Natal- **Relação Pais-Bebê – da Observação a Clínica** – org.Nara Amália Caron . São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000 . p.135-177
- WINNICOTT, Donald Woods – **Da Pediatria à Psicanálise** – Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- YAMAMOTO ,Maria Emília – Estudo de Separação em Primatas – **Etologia de Animais e Homens (org. C. Ades)** – São Paulo: Edicon/USP, 1989 cap.9 p.123-144

PROGRAMAS DE COMPUTADOR UTILIZADOS

SPSS –Versão 6.1 para Windows, SPSS INC, 1994.

Microsoft Excel Versão 2000, Microsoft Corporation, 1999.

APÊNDICE